Biblioteca
Virtualbooks

POLÊMICAS & REFLEXÕES

MACHADO DE ASSIS

POLÊMICAS
&
REFLEXÕES

SUMÁRIO:

CARTA AO SR. BISPO DO RIO DE JANEIRO

Ex.mo Rev.mo Sr. - No meio das práticas religiosas, a que as altas funções de prelado chamam hoje V. Ex.ª., consinta que se possa ouvir o rogo, a queixa, a indignação, se não é duro o termo, de um cristão que é dos primeiros a admirar as raras e elevadas virtudes, que exortam a pessoa de V. Exª.

Não casual, senão premeditada e muito de propósito, é a coincidência desta carta com o dia de hoje. Escolhi. como próprio, o dia da mais solene comemoração da igreja, para fazer chegar a V. Ex ª algumas palavras sem atavios de polêmica, mas simplesmente nascidas do coração.

Estou afeito desde a infância a ouvir louvar as virtudes e os profundos conhecimentos de V. EXª. Estes verifiquei-os mais tarde pela leitura das obras, que aí correm por honra de nossa terra; as virtudes se as não apreciei de perto, creio nelas hoje como dantes, por serem contestes todos quantos têm a ventura de tratar de perto com V. Exª.

É fiado nisso que me dirijo francamente à nossa primeira autoridade eclesiástica.

Logo ao começar este período de penitência e contrição, que está a findar, quando a Igreja celebra a admirável história da redenção, apareceu nas colunas das folhas diárias da Corte um bem elaborado artigo, pedindo a supressão de certas práticas religiosas do nosso país, que por grotescas e ridículas, afetavam de algum modo a sublimidade de nossa religião.

Em muitas boas razões se firmavam o articulista para provar que as procissões, derivando de usanças pagãs, não podiam continuar a ser sancionadas por uma religião que veio destruir os cultos da gentilidade.

Mas a quaresma passou e as procissões com ela, e ainda hoje, Ex.mo. Sr., corre a população para assistir à que, sob a designação de Enterro do Senhor, vai percorrer esta noite as ruas da capital.

Não podem as almas verdadeiramente cristãs olhar para essas práticas sem tristeza e dor.

As conseqüências de tais usanças são de primeira intuição. Aos espíritos menos cultos, a idéia religiosa, despida do que tem mais elevado e místico, apresenta-se com as fórmulas mais materiais e mundanas. Aos que, meros rústicos, não tiveram, entretanto, bastante filosofia cristã para opor a esses espetáculos, a esses entibia-se a fé, e o cepticismo invade o coração.

E V. Exª. não poderá contestar que a nossa sociedade está afetada do flagelo da indiferença. Há indiferença em todas as classes, e a indiferença melhor do que eu sabe V. Exª., é o veneno sutil, que corrói fibra por fibra um corpo social.
Em vez de ensinar a religião pelo seu lado sublime, ou antes, pela sua verdadeira e única face, é pelas cenas impróprias e improveitosas que a propagam. Os nossos ofícios e mais festividades estão longe de oferecer a majestade e a gravidade imponente do culto cristão. São festas de folga, enfeitadas e confeitadas, falando muito aos olhos e nada ao coração.
Neste hábito de tornar os ofícios divinos em provas de ostentação, as confrarias e irmandades, destinadas à celebração dos respectivos órgãos, levam o fervor até uma luta vergonhosa e indigna, de influências pecuniárias; cabe a vitória, à que melhor e mais pagãmente reveste a sua celebração. Lembrarei, entre outros fatos, a luta de duas ordens terceiras, hoje em tréguas, relativamente à procissão do dia de hoje. Nesse conflito só havia um fito - a ostentação dos recursos e do gosto, e um resultado que não era para a religião, mas sim para as paixões e interesses terrestres.
Para esta situação deplorável, Ex.mo. Sr., contribui imensamente o nosso clero. Sei que toco em chaga tremenda, mas V. Exª. reconhecerá sem dúvida que, mesmo errando, devo ser absolvido, atenta a pureza das intenções que levo no meu enunciado.
O nosso clero está longe de ser aquilo que pede a religião do cristianismo. Reservadas as exceções, o nosso sacerdote nada tem do caráter piedoso e nobre que convém aos ministros do crucificado.
E, a meu ver, não há religião que melhor possa contar bons e dignos levitas. Aqueles discípulos do filho de Deus, por promessa dele tornados pescadores de homens, deviam dar lugar a imitações severas e dignas; mas não é assim, Ex.mo. Sr., não há aqui sacerdócio, há ofício rendoso, como tal considerado pelos que o exercem, e os que o exercem são o vício e a ignorância, feitas as pouquíssimas e honrosas exceções. Não serei exagerado se disser que o altar tornou-se balcão e o evangelho tabuleta. Em que pese a esses duplamente pecadores, é preciso que V. Exª. ouça estas verdades.
As queixas são constantes e clamorosas contra o clero; eu não faço mais que reuni-las e enunciá-las por escrito.
Fundam-se elas em fatos que, pela vulgaridade, não merecem menção. Merca-se no templo, Ex.mo Sr., corno se mercava outrora quando Cristo expeliu os profanadores dos sagrados lares; mas a certeza de que um novo Cristo não virá expeli-los, e a própria

tibieza da fé nesses corações, anima-os e põe-lhes na alma a tranqüilidade e o pouco caso pelo futuro.
Esta situação é funesta para a fé, funesta para a sociedade. Se, corno creio, a religião é uma grande força, não só social, senão também humana, não se pode contestar que por esse lado a nossa sociedade contém em seu seio poderosos elementos de dissolução
Dobram, entre nos , as razões pelas quais o clero de todos Os Países católicos tem sido acusado.
No meio da indiferença e do cepticismo social, qual era o papel que cabia ao clero? Um: converter-se ao Evangelho e ganhar nas consciências o terreno perdido. Não acontecendo assim, as invectivas praticadas pela imoralidade clerical, longe de afrouxarem e diminuírem, crescem de número e de energia.
Com a situação atual de chefe da Igreja, V. Ex.a compreende bem que triste resultado pode provir daqui.
Felizmente que a ignorância da maior parte dos nossos clérigos evita a organização de um partido clerical, que, com o pretexto de socorrer a Igreja nas suas tribulações temporais, venha lançar a perturbação nas consciências, nada adiantando à situação do supremo chefe católico.
Não sei se digo uma heresia, mas por esta vantagem acho que é de apreciar essa ignorância.
Dessa ignorância e dos maus costumes da falange eclesiástica é que nasce um poderoso auxílio ao estado do depreciamento da religião.
Proveniente dessa situação, a educação religiosa, dada no centro das famílias, não responde aos verdadeiros preceitos da fé. A religião é ensinada pela prática e como prática, e nunca pelo sentimento e como sentimento.
O indivíduo que se afaz desde a infância a essas fórmulas grotescas, se não tem por si a luz da filosofia, fica condenado para sempre a não compreender, e menos conceber, a verdadeira idéia religiosa.
E agora veja V. Exª. mais: há muito bom cristão que compara as nossas práticas católicas com as dos ritos dissidentes, e, para não mentir ao coração, dá preferência a estas por vê-las símplices, severas, graves, próprias do culto de Deus.
E realmente a diferença é considerável.
Note bem, Ex.mo Sr., que eu me refiro somente às excrescências da nossa Igreja Católica, à prostituição do culto entre nós. Estou longe de condenar as práticas sérias. O que revolta é ver a materialização grotesca das cousas divinas, quando elas devem ter manifestação mais elevada, e, aplicando a bela expressão de S. Paulo, estão escritas não com tinta, mas com o espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne do coração.

O remédio a estes desregramentos da parte secular e eclesiástica empregada no culto da religião deve ser enérgico, posto que não se possa contar com resultados imediatos e definitivos.
Pôr um termo às velhas usanças dos tempos coloniais, e encaminhar o culto para melhores, para verdadeiras fórmulas; fazer praticar o ensino religioso como sentimento e como idéia e, moralizar o clero com as medidas convenientes, são Ex.mo Sr., necessidades urgentíssimas.
É grande o descrédito da religião, porque é grande o descrédito do clero. E V. Exa deve saber que os maus intérpretes são nocivos aos dogmas mais santos.
Desacreditada a religião, abala-se essa grande base da moral, e onde irá parar esta sociedade?
Sei que V. Exª. se alguma cousa fizer no sentido de curar estas chagas, que não conhece, há de ver levantar-se em roda de si muitos inimigos, desses que devem-lhe ser pares no sofrimento e na glória. Mas V. Ex.ª é bastante cioso das cousas santas para olhar com desdém para as misérias eclesiásticas e levantar a sua consciência de sábio prelado acima dos interesses dos falsos ministros do altar.
V. Exª receberá os protestos de minha veneração e me deitará a sua bênção.

CARTA À REDAÇÃO DA IMPRENSA ACADÊMICA
Corte, 21 agosto de 1864.

MEUS BONS AMIGOS: - Um cantinho em vosso jornal para responder duas palavras ao Sr. Sílvio-Silvis, folhetinista do Correio Paulistano, a respeito da minha comédia o Caminho da Porta.
Não é uma questão da susceptibilidade literária, é uma questão de probidade.
Está longe de mim a intenção de estranhar a liberdade da crítica, e ainda menos a de atribuir à minha comédia um merecimento de tal ordem que se lhe não possam fazer duas observações. Pelo contrário eu não ligo ao Caminho da Porta outro valor mais que o de um trabalho rapidamente escrito, como um ensaio para entrar no teatro.
Sendo assim, não me proponho a provar que haja na minha comédia - verdade, razão e sentimento, cumprindo-me apenas declarar que eu não tive em vista comover os espectadores, como não pretendeu fazê-lo, salva a comparação, o autor da Escola das Mulheres.

Tampouco me ocuparei com a deplorável confusão que o Sr. Sílvio-Silvis faz entre a verdade e a verossimilhança; dizendo: "Verdade não tem a peça que até é inverossímil."- Boileau, autor de unia arte poética que eu recomendo à atenção do Sílvio-Silvis, escreveu esta regra: Le vrai peut quelquefois n'être pas vraisemblable.
O que me obriga a tomar a pena é a insinuação do furto literário, que me parece fazer o Sr. Sílvio-Silvis, censura séria que não pode ser feita sem que se aduzam provas. Que a minha peça tenha urna fisionomia comum a muitas outras do mesmo gênero, e que, sob este ponto de vista, não possa pretender uma originalidade perfeita, isso acredito eu; mas que eu tenha copiado e assinado uma obra alheia, eis o que eu contesto e nego redondamente.
Se, por efeito de uma nova confusão, tão deplorável como a outra, o Sr. Sílvio-Silvis chama furto à circunstância a que aludi acima, fica o dito por não dito, sem que eu agradeça a novidade. Quintino Bocaiúva, com a sua frase culta e elevada, já me havia escrito: "As tuas duas peças, modeladas ao gosto dos provérbios franceses, não revelam mais do que a maravilhosa aptidão do teu espírito, a própria riqueza do teu estilo." E em outro lugar: "O que te peço é que apresentes neste mesmo gênero algum trabalho mais sério, mais novo, mais original, mais completo.
É de crer que o Sr. Sílvio-Silvis se explique cabalmente no próximo folhetim.
Se eu insisto nesta exigência não e para me justificar perante os meus amigos pessoais, ou literários, porque esses, com certeza, julgam- me incapaz de uma má ação literária. Não é também para desarmar alguns inimigos que tenha aqui, apesar de muito obscuro, porque eu me importo mediocremente como o juízo desses senhores.
Insisto em consideração ao público em geral.
Não terminarei sem deixar consignado todo o meu reconhecimento pelo agasalho que a minha peça obteve da parte dos distintos acadêmicos e do público paulistano. Folgo de ver nos aplausos dos primeiros uma animação dos soldados da pena aos ensaios do recruta inexperiente.
Nesse conceito de aplausos lisonjeia-me ver figurar a Imprensa Acadêmica e, com ela, um dos seus mais amenos e talentosos folhetinistas.

Reitero, meus bons amigos, os protestos da minha estima e admiração.

MACHADO DE ASSIS

O VISCONDE DE CASTILHO

NÃO, NÃO ESTÁ de luto a língua portuguesa; a poesia não chora a morte do Visconde de Castilho. O golpe foi, sem dúvida, imenso; mas a dor não pôde resistir à glória; e ao ver resvalar no túmulo o poeta egrégio o mestre da língua, o príncipe da forma, após meio século de produção variada e rica, há um como deslumbramento que faria secar todas as lágrimas.

Longa foi a vida do Visconde de Castilho; a lista de seus escritos numerosíssima. O poeta dos Ciúmes de Bardo e da Noite do Castelo, o tradutor exímio de Ovídio, Virgílio e Anacreonte, de Shakespeare, Goethe e Molière, o contemporâneo de todos os gênios familiar com todas as glórias, ainda assim não sucumbiu no ócio a que lhe davam jus tantas páginas de eterna beleza. Caiu na liça, às mãos com o gênio de Cervantes, seu conterrâneo da península, que ele ia sagrar português, a quem fazia falar outra língua, não menos formosa e sonora que a do Guadalquivir.

A Providência fê-lo viver bastante para opulentar o tesouro do idioma natal, o mesmo de Garret e G. Dias, de Herculano e J. F. Lisboa, de Alencar e Rebelo da Silva. Morre glorificado, deixando a imensa obra que perfez à contemplação e exemplos das gerações vindouras. Não há lugar para pêsames, onde a felicidade é tamanha.

Pêsames, sim, e cordiais merece aquele outro talento possante, último de seus irmãos, que os viu morrer todos, no exílio ou na Pátria, e cuja alma, tão estreitamente vinculada à outra, tem direito e dever de pranteá-lo.

A língua e a poesia cobrem-lhe a campa de flores e sorriem orgulhosas do lustre que ele lhes dera. É assim que desaparecem da terra Tem entrada no paço, e reina no salão os homens imortais.

UM CÃO DE LATA AO RABO

ERA UMA VEZ um mestre-escola, residente em Chapéu d'Uvas, que se lembrou de abrir entre os alunos um torneio de composição e de estilo; idéia útil, que não somente afiou e desafiou as mais diversas ambições literárias, como produziu páginas de verdadeiro e raro merecimento.

- Meus rapazes, disse ele. Chegou a ocasião de brilhar e. mostrar que podem fazer alguma coisa. Abro o concurso, e dou quinze dias aos concorrentes. No fim dos quinze dias, quero ter em minha mão os trabalhos de todos; escolherei um júri para os examinar, comparar e premiar.
- Mas o assunto? perguntaram os rapazes batendo palmas alegria.
- Podia dar-lhes um assunto histórico; mas seria fácil, e eu quero experimentar a aptidão de cada um. Dou-lhes um assunto simples, aparentemente vulgar mas profundamente filosófico.
- Diga, diga.
- O assunto é este: - UM CÃO DE LATA AO RABO. Quero vê-los brilhar com opulências de linguagem e atrevimentos de idéia. Rapazes, à obra! Claro é que cada um pode apreciá-lo conforme o entender.
O mestre-escola nomeou um júri, de que eu fiz parte. Sete escritos foram submetidos ao nosso exame. Eram geralmente bons; mas três, sobretudo mereceram a palma e encheram de pasmo o júri e o mestre, tais eram- neste o arrojo do pensamento e a novidade do estilo, - naquele a pureza da linguagem e a solenidade acadêmica - naquele outro a erudição rebuscada e técnica, - tudo novidade, ao menos em Chapéu d' Uvas.
Nós os classificamos pela ordem do mérito e do estilo. Assim, temos:

1.º Estilo antitético e asmático.
2.º Estilo ab ovo.
3.º Estilo largo e clássico.

Para que o leitor fluminense julgue por si mesmo de tais méritos, vou dar adiante os referidos trabalhos, até agora inéditos, mas já agora sujeitos ao apreço público.

I - ESTILO ANTITÉTICO E ASMÁTICO

O cão atirou-se com ímpeto. Fisicamente, o cão tem pés, quatro; moralmente, tem asas, duas. Pés: ligeireza na linha reta. Asas: ligeireza na linha ascensional. Duas forças, duas funções. Espádua de anjo no dorso de uma locomotiva.
Um menino atara a lata ao rabo do cão. Que é rabo? Um prolongamento e um deslumbramento. Esse apêndice, que é carne, é também um clarão. Di-lo a filosofia? Não; di-lo a etimologia. Rabo, rabino: duas idéias e uma só raiz. A etimologia é a chave do passado, como a filosofia é a chave do futuro.

O cão ia pela rua fora, a dar com a lata nas pedras. A pedra faiscava, a lata retinia, o cão voava. Ia como o raio, como o vento corno a idéia. Era a revolução, que transtorna, o temporal que derruba, o incêndio que devora. O cão devorava. Que devorava o cão? O espaço. o espaço é comida. O céu pôs esse transparente manjar ao alcance dos impetuosos. Quando uns jantam e outros jejuam; quando, em oposição às toalhas da casa nobre, há os andrajos da casa do pobre; quando em cima as garrafas choram lacrimachristi, e embaixo os olhos choram lágrimas de sangue, Deus inventou um banquete para a alma. Chamou-lhe espaço. Esse imenso azul, que esta entre a criatura e o criador, é o caldeirão dos grandes famintos. Caldeirão azul: antinomia, unidade.
O cão ia. A lata saltava como os guizos do arlequim. De caminho envolveu-se nas pernas de um homem. O homem parou; o cão Parou: pararam diante um do outro. Contemplação única! Homo, canis. Um parecia dizer:
- Liberta-me! O outro parecia dizer:- Afasta-te! Após alguns instantes, recuaram ambos; o quadrúpede deslaçou-se do bípede. Canis levou a sua lata; homo levou a sua vergonha. Divisão eqüitativa. A vergonha é a lata ao rabo do caráter.
Então, ao longe, muito longe, troou alguma coisa funesta e misteriosa. Era o vento, era o furacão que sacudia as algemas do infinito e rugia como uma imensa pantera. Após o rugido, o movimento, o ímpeto, a vertigem. O furacão vibrou, uivou, grunhiu. O mar catou o seu tumulto, a terra calou a sua orquestra. O furacão vinha retorcendo as árvores, essas torres da natureza, vinha abatendo as torres, essas árvores da arte; e rolava tudo, e aturdia tudo, e ensurdecia tudo. A natureza parecia atônita de si mesma. O condor, que é o colibri dos Andes, tremia de terror, como o colibri. que é o condor das rosas. O furacão igualava o píncaro e a base. Diante dele o máximo e o mínimo eram uma só coisa: nada. Alçou o dedo e apagou o sol. A poeira cercava-o todo; trazia poeira adiante, atrás, à esquerda, à direita; poeira em cima, poeira embaixo. Era o redemoinho, a convulsão, o arrasamento.
O cão, ao sentir o furacão, estacou. O pequeno parecia desafiar o grande. O finito encarava o infinito, não com pasmo, não com medo; — com desdém. Essa espera do cão tinha alguma coisa de sublime. Há no cão que espera uma expressão semelhante à tranqüilidade do leão ou à fixidez do deserto. Parando o cão, parou a lata. O furacão viu de longe esse inimigo quieto; achou-o sublime e desprezível. Quem era ele para o afrontar? A um quilômetro de distância, o cão investiu para o adversário. Um e outro entraram a devorar o espaço, o tempo, a luz. O cão levava a lata, o furacão

trazia a poeira. Entre eles, e em redor deles, a natureza ficara extática, absorta, atônita.
Súbito grudaram-se. A poeira redemoinhou, a lata retiniu com o fragor das armas de Aquiles. Cão e furacão envolveram-se um no outro; era a raiva, a ambição, a loucura, o desvario; eram todas as forças, todas as doenças; era o azul, que dizia ao pó: és baixo; era o pó, que dizia ao azul: és orgulhoso. Ouvia-se o rugir, o latir, o retinir; e por cima de tudo isso, uma testemunha impassível, o Destino; e por baixo de tudo, uma testemunha risível, o Homem.
As horas voavam como folhas num temporal. O duelo prosseguia sem misericórdia nem interrupção. Tinha a continuidade das grandes cóleras. Tinha. a persistência das pequenas vaidades. Quando o fura-cão abria as largas asas, o cão arreganhava os dentes agudos. Arma por arma; afronta por afronta; morte por morte. Um dente vale uma asa. A asa buscava o pulmão para sufocá-lo; o dente buscava a asa para destruí-la. Cada uma dessas duas espadas implacáveis trazia a morte na ponta.
De repente, ouviu-se um estouro, um gemido, um grito de triunfo. A poeira subiu, o ar clareou, e o terreno do duelo apareceu aos olhos do homem estupefato. O cão devorara o furacão. O Pó Vencera o azul. O mínimo derrubara o máximo. Na fronte do vencedor havia uma aurora; na do vencido negrejava uma sombra. Entre ambas jazia, inútil, uma coisa: a lata.

II - ESTILO AB OVO

Um cão saiu de lata ao rabo. Vejamos primeiramente o que é o cão, o barbante e a lata; e vejamos, se é possível saber a origem do uso de pôr uma lata ao rabo do cão.
O cão nasceu no sexto dia. Com efeito, achamos no Gênesis, cap. 1, v. 24 e 25, que, tendo criado na véspera os peixes e as aves, Deus criou naqueles dias a bestas da terra e os animais domésticos, entre os quais figura o de que ora trato.
Não se pode dizer com acerto a data do barbante e da lata. Sobre o primeiro, encontramos no Êxodo, cap. XXVII, v.1, estas palavras de Jeová: "Farás dez cortinas de linho retorcido", donde se pode inferir que ia se torcia o linho, e por conseguinte se usava o cordel. Da lata as induções são mais vagas. No mesmo livro do Êxodo, cap. -XXVII, v. 3, fala o profeta em caldeiras; mas logo adiante recomen-da que sejam de cobre. O que não é o nosso caso.
Seja como for, temos a existência do cão, provada pelo Gênesis, e a do barbante citada com verossimilhança no Êxodo. Não havendo

prova cabal da lata, podemos crer, sem absurdo, que existe, visto o uso que dela fazemos.
Agora: - donde vem o uso de atar uma lata ao rabo do cão? Sobre este ponto a história dos povos semíticos é tão obscura como a dos povos arianos. O que se pode afiançar é que os Hebreus não o tiveram. Quando Davi (Reis, cap. V, v. 16) entrou na cidade a bailar defronte da arca, Micol, a filha de Saul, que o viu, ficou fazendo má idéia dele, por motivo dessa expansão coreográfica. Concluo que era um povo triste. Dos Babilônios suponho a mesma coisa, e a mesma dos Cananeus, dos Jabuseus, dos Amorreus, dos Filisteus, dos Fariseus, dos Heteus e dos Heveus.
Nem admira que esses povos desconhecessem o uso de que se trata. As guerras que traziam não davam lugar à criação o município, que é de data relativamente moderna; e o uso de atar a lata ao cão, há fundamento para crer que é contemporâneo do município, porquanto nada menos é que a primeira das liberdades municipais.
O Município é o verdadeiro alicerce da sociedade, do mesmo modo que a família o é do município. Sobre este ponto estão de acordo os mestres da ciência. Daí vem que as sociedades remotís-simas, se bem tivessem o elemento da família e o uso do cão, não tinham nem podiam ter o de atar a lata ao rabo desse digno compa-nheiro do homem, por isso que lhe faltava o município e as liberdades correlatas.
Na Ilíada não há episódio algum que mostre o uso da lata atada ao cão. O mesmo direi dos Vedas, do Popol-Vuh e dos livros de Confúncio. Num hino a Varuna (Rig-Veda, cap. I v. 2), fala-se em um "cordel atado embaixo". Mas não sendo as palavras postas na boca do cão, e sim na do homem, é absolutamente impossível ligar esse texto ao uso moderno.
Que os meninos antigos brincavam, e de modo vário, é ponto incontroverso, em presença dos autores. Varrão, Cícero, Aquiles, Aúlio Gélio, Suetônio, Higino, Propércio, Marcila falam de diferen-tes objetos com que as crianças se entretinham, ou fossem bonecos, ou espadas de pau, ou bolas, ou análogos artifícios. Nenhum deles, entretanto, diz uma só palavra do cão de lata ao rabo. Será crível que, se tal gênero de divertimento houvera entre romanos e gregos, nenhum autor nos desse dele alguma notícia, quando o fator de haver Alcibíades cortado a cauda de um cão seu é citado solenemente no livro de Plutarco?
Assim explorada a origem do uso, entrarei no exame do assunto que... (Não houvera tempo para concluir)

III - ESTILO LARGO E CLÁSSICO

Larga messe de louros se oferece às inteligências altíloquas, que, no prélio agora encetado, têm de terçar armas temperadas e finais, ante o ilustre mestre e guia de nossos trabalhos; e, porquanto os apoucamentos do meu espírito me não permitem justar com glória, e quiçá me condenam a pronto desbaratamento, contento-me em seguir de longe a trilha dos vencedores, dando-lhes as palmas da admiração.

Manha foi sempre puerícia atar uma lata ao apêndice posterior do cão: e essa manha, não por certo louvável, é quase certo que a tiveram os párvulos de Atenas, não obstante ser a abelha-mestra da antigüidade, cujo mel ainda hoje gosta o paladar dos sabedores.

Tinham alguns infantes, por brinco e gala, atado uma lata a um cão, dando assim folga a aborrecimentos e enfados de suas tarefas escolares. Sentindo a mortificação do barbante, que lhe prendia a lata, e assustado com o soar da lata nos seixos do caminho, o cão ia tão cego e desvairado, que a nenhuma coisa ou pessoa parecia atender.

Movidos da curiosidade, acudiam os vizinhos às portas de suas vivendas, e, longe de sentirem a compaixão natural do homem quando vê padecer outra criatura, dobravam os agastamentos do cão com surriadas e vaias. O cão perlustrou as ruas, saiu aos campos, aos andurriais, até entestar com uma montanha, em cujos alcantilados píncaros desmaiava o sol, e ao pé de cuja base um mancebo apascoava o seu gado.

Quis o Supremo Opífice que este mancebo fosse mais compassivo que os da cidade, e fizesse acabar o suplício do cão. Gentil era ele, de olhos brandos e não somenos em graça aos da mais formosa donzela. Com o cajado ao ombro, e sentado num pedaço de rochedo, manuseava um tomo de Virgílio, seguindo com o pensamento a trilha daquele caudal engenho. Apropinquando-se o cão do mancebo, este lhe lançou as mãos e o deteve. O mancebo varreu jogo da memória o poeta e o gado, tratou de desvincular a lata do cão e o fez em poucos minutos, com mor destreza e paciência.

O cão, aliás vultoso, parecia haver desmedrado fortemente, depois a malícia dos meninos o pusera em tão apertadas andanças. Livre da lata, lambeu as mãos do mancebo, que o tomou Para si, dizendo: - De ora avante, me acompanharás ao pasto.

Folgareis certamente com o caso que deixo narrado, embora não possa o apoucado e rude estilo do vosso condiscípulo dar ao quadro os adequados toques. Feracíssimo é o campo para engenhos de mais alto quilate; e, embora abastado de urzes, e porventura

coberto de trevas, a imaginação dará o fio de Ariadne com que sói vencer os mais complicados labirintos.
Entranhado anelo me enche de antecipado gosto, por ler os produtos de vossas inteligências, que serão em tudo dignos do nosso digno mestre, e que desafiarão a fouce da morte colhendo vasta seara de louros imarcessíveis com que engrinaldareis as fontes imortais.
Tais são os três escritos; dando-os ao prelo, fico tranqüilo com a minha consciência; revelei três escritores.

FILOSOFIA DE UM PAR DE BOTAS

UMA DESTAS TARDES, como eu acabasse de jantar, e muito, lembrou-me dar um passeio à Praia de Santa Luzia, cuja solidão é propícia a todo homem que ama digerir em paz. Ali fui, e com tal fortuna que achei uma pedra lisa para me sentar, e nenhum fôlego vivo nem morto. - Nem morto, felizmente. Sentei-me, alonguei os olhos, espreguicei a alma, respirei à larga, e disse ao estômago: - Digere a teu gosto, meu velho companheiro. Deus nobis haec otia fecit.
Digeria o estômago, enquanto o cérebro ia remoendo, tão certo é, que tudo neste mundo se resolve na mastigação. E digerindo, e remoendo, não reparei logo que havia, a poucos passos de mim, um par de coturnos velhos e imprestáveis. Um e outro tinham a sola rota, o tacão comido do longo uso, e tortos, porque é de notar que a generalidade dos homens camba, ou para um ou para outro lado. Um dos coturnos (digamos botas, que não lembra tanto a tragédia), uma das botas tinha um rasgão de calo. Ambas estavam maculadas de lama velha e seca; tinham o couro ruço, puído, encarquilhado.
Olhando casulmente para as botas, entrei a considerar as vicitudes humanas, e a conjeturar qual seria a vida daquele produto social. Eis senão quando, ouço um rumor de vozes surdas; em seguida, ouvi sílabas, palavras, frases, períodos; e não havendo ninguém, imaginei que era eu, que eu era ventríloquo; e já podem ver se fiquei consternado. Mas não, não era eu; eram as botas que falavam entre si, suspiravam e riam, mostrando em vez de dentes, umas Pontas de tachas enferrujadas. Prestei o ouvido; eis o que diziam as botas:
BOTA ESQUERDA - Ora, pois, mana, respiremos e filosofemos um pouco.

BOTA DIREITA- Um pouco? Todo o resto da nossa vida, que não há de ser muito grande; mas enfim, algum descanso nos trouxe a velhice. Que destino! Uma praia! Lembras-te do tempo em que brilhávamos na vidraça da Rua do Ouvidor?
BOTA ESQUERDA - Se me lembro! Quero até crer que éramos as mais bonitas de todas. Ao menos na elegância...
BOTA DIREITA - Na elegância, ninguém nos vencia.
BOTA ESQUERDA - Pois olha que havia muitas outras, e presumidas, sem contar aquelas botinas cor de chocolate ... aquele par ...
BOTA DIREITA - O dos botões de madrepérola?
BOTA ESQUERDA - Esse.
BOTA DIREITA- O daquela viúva?
BOTA ESQUERDA - O da viúva.
BOTA DIREITA - Que tempo! Éramos novas, bonitas, asseadas; de quando em quando, uma passadela de pano de linho, que era uma consolação. No mais, plena ociosidade. Bom tempo, mana, bom tempo! Mas, bem dizem os homens: não há bem que sempre dure, nem mal que se não acabe.
BOTA ESQUERD - O certo é que ninguém nos inventou para vivermos novas toda vida. Mais de uma pessoa ali foi experimentar nós; éramos calçadas com cuidado, postas sobre um tapete, até que um dia, o Dr. Crispim passou, viu-nos, entrou e calçou-nos. Eu, de raivosa, apertei-lhe um pouco os dois calos.
BOTA DIREITA - Sempre te conheci pirracenta.
BOTA ESQUERDA - Pirracenta, mas infeliz. Apesar do apertão, o Dr. Crispim levou-nos.
BOTA DIREITA - Era bom homem, o Dr. Crispim; muito nosso amigo. Não dava caminhadas largas, não dançava. Só jogava o voltarete até tarde, duas e três horas da madrugada; mas, como o divertimento parado, não nos incomodava muito. E depois na pontinha dos pés, para não acordar a mulher. Lembras-te?
BOTA ESQUERDA - Ora! por sinal que a mulher fingia dormir para lhe não tirar as ilusões. No dia seguinte ele contava que estivera na maçonaria. Santa senhora!
BOTA DIREITA - Santo casal! Naquela casa fomos sempre felizes, sempre! E a gente que eles freqüentavam? Quando não havia tapetes, havia palhinha; pisávamos o macio, o limpo, o asseado. Andávamos de carro muita vez, e eu gosto tanto de carro' Estivemos ali uns quarenta dias, não?
BOTA ESQUERDA - Pois então! Ele gastava mais sapatos do que a Bolívia gasta constituições.
BOTA DIREITA - Deixemos nos de política.

BOTA ESQUERDA - Apoiado.
BOTA DIREITA (com força) - Deixemo-nos de política, já disse!
BOTA ESQUERDA (sorrindo)- Mas um pouco de política debaixo da mesa?... Nunca te contei... contei, sim... o caso das botinas cor de chocolate... as da viúva...
BOTA DIREITA - Da viúva, para quem o Dr. Crispim quebrava muito os olhos? Lembra-me que estivemos juntas, num jantar do Comendador Plácido. As botinas viram-nos logo, e nós daí a pouco as vimos também, porque a viúva, como tinha o pé pequeno, andava a mostrá-lo a cada passo. Lembra-me também que, à mesa, conversei muito com uma das botinas. O Dr. Crispim. sentara-se ao pé do comendador e defronte da viúva; então, eu fui direita a uma delas e falamos, falamos pelas tripas de Judas... A princípio, não; a princípio ela fez-se de boa; e toquei-lhe no bico, respondeu-me zangada "Vá-se, me deixe!" Mas eu insisti, perguntei-lhe por onde tinha andado, disse-lhe que estava ainda muito bonita, muito conservada; ela foi-se amansando, buliu com o bico, depois com o tacão, pisou em mim, eu pisei nela e não te digo mais...
BOTA ESQUERDA- Pois é justamente o que eu queria contar...
BOTA DIREITA - Também conversaste?
BOTA ESQUERDA - Não; ia conversar com a outra. Escorreguei devagarinho, muito evagarinho, com cautela, por causa da bota do comendador.
BOTA DIREITA- Agora me lembro: Pisaste a bota do comendador.
BOTA ESQUERDA- A bota? Pisei o calo. O comendador: Ui! As senhoras: Ai! Os homens: Hein? E eu recuei; e o Dr. Crispim ficou muito vermelho, muito vermelho ...
BOTA DIREITA - Parece que foi castigo. No dia seguinte o Dr. Crispim deu-nos de presente a um procurador de poucas causas.
BOTA ESQUERDA- Não me fales! Isso foi a nossa desgraça! Um procurador! Era o mesmo que dizer: mata-me estas botas; esfrangalha-me estas botas!
BOTA DIREITA - Dizes bem. Que roda viva! Era da Relação para os escrivães, dos escrivães para os juízes, dos juízes para os advogados, dos advogados para as partes (embora poucas), das partes para a Relação, da Relação para os escrivães...
BOTA ESQUERDA - Et caetera. E as chuvas! E as lamas! Foi o procurador quem primeiro me deu este corte para desabafar um calo. Fiquei asseada com esta janela à banda.
BOTA DIREITA - Durou pouco; passamos então para o fiel de feitos, que no fim de três semanas nos transferiu ao remendão. O remendão (ali! já nãoera a Rua do Ouvidor!) deu-nos alguns

pontos, tapou-nos este buraco, e impingiu-nos ao aprendiz de barbeiro do Beco dos Aflitos.
BOTA DIREITA - Com esse havia pouco que fazer de dia, mas de noite...
BOTA ESQUERDA - No curso de dança; lembra-me. O diabo do rapaz valsava como quem se despede da vida. Nem nos comprou para outra coisa, porque para os passeios tinha um par de botas novas, de verniz e bico fino. Mas para as noites... Nós éramos as botas do curso...
BOTA DIREITA - Que abismo entre o curso e os tapetes do Dr. Crispim ...
BOTA ESQUERDA - Coisas!
BOTA DIREITA - Justiça, justiça; o aprendiz não nos escovava, não tínhamos o suplício da escova. Ao menos, por esse lado, a nossa vida era tranqüila.
BOTA ESQUERDA - Relativamente creio. Agora, que era alegre não há dúvida; em todo caso, era muito melhor que a outra que nos esperava.
BOTA DIREITA - Quando fomos parar às mãos...
BOTA ESQUERDA - Aos pés.
BOTA DIREITA - Aos pés daquele servente das obras públicas. Daí fomos atiradas à rua, onde nos apanhou um preto padeiro, que nos reduziu enfim a este último estado! Triste! triste!
BOTA ESQUERDA - Tu queixas-te, mana?
BOTA DIREITA - Se te parece!
BOTA ESQUERDA - Não sei; se na verdade é triste acabar assim tão miseravelmente, numa praia, esburacadas e rotas, sem tacões nem ilusões, por outro lado, ganhamos a paz, e a experiência.
BOTA DIREITA - A paz? Aquele mar pode lamber-nos de um relance.
BOTA ESQUERDA - Trazer-nos-á outra vez à praia. Demais, está longe.
BOTA DIREITA - Que eu, na verdade, quisera descansar agora estes últimos dias; mas descansar sem saudades, sem a lembrança do que foi. Viver tão afagadas, tão admiradas na vidraça do autor dos nossos dias; passar uma vida feliz em casa do nosso primeiro dono, suportável na casa dos outros; e agora...
BOTA ESQUERDA - Agora quê?
BOTA DIREITA - A vergonha, mana.
BOTA ESQUERDA - Vergonha, não. Podes crer, que fizemos felizes aqueles a quem calçamos; ao menos, na nossa mocidade. Tu que pensas? Mais de um, não olha para suas idéias com a mesma satisfação com que olha para suas botas. Mana, a bota é a metade da circunspecção; em todo o caso é a base da sociedade civil...

BOTA DIREITA - Que estilo! Bem se vê que nos calçou um advogado.
BOTA ESQUERDA - Não reparaste que, à medida que íamos envelhecendo, éramos menos cumprimentadas?
BOTA DIREITA - Talvez.
BOTA ESQUERDA - Éramos, e o chapéu não se engana. O chapéu fareja a bota... Ora, pois! Viva a liberdade! Viva a paz! Viva a velhice! (A Bota Direita abana tristemente o cano). Que tens?
BOTA DIREITA - Não posso; por mais que queira, não posso afazer-me a isto. Pensava que sim, mas era ilusão ... Viva a paz e a velhice, concordo; mas há de ser sem as recordações do passado...
BOTA ESQUERDA - Qual passado? O de ontem ou o de anteontem? O do advogado ou o do servente?
BOTA DIREITA - Qualquer; contanto que nos calçassem. O mais reles pé de homem é sempre um pé de homem.
BOTA ESQUERDA - Deixa-te disso; façamos da nossa velhice uma coisa útil e respeitável.
BOTA DIREITA - Respeitável, um par de botas velhas! Útil, par de botas velhas! Que utilidade? Que respeito? Não vês que os homens tiraram de nós o que podiam, e quando não valíamos um caracol mandaram deitar-nos à margem? Quem é que nos há de respeitar? - aqueles mariscos?
(olhando para mim) Aquêle sujeito- que está ali com os olhos assombrados?
BOTA ESQUERDA - Vanitas! Vanitas!
BOTA DIREITA - Que dizes tu?
BOTA ESQUERDA - Quero dizer que és vaidosa, apesar de muito acalcanhada, e que devemos dar-nos por felizes com esta aposentadoria, lardeada de algumas recordações.
BOTA DIREITA - Onde estarão a esta hora as botinas da viúva?
BOTA ESQUERDA - Quem sabe lá! Talvez outras botas conversem com outras botinas... Talvez: é a lei do mundo; assim caem os Estados e as instituições. Assim perece a beleza e a mocidade. Tudo botas, mana; tudo botas, com tacões ou sem tacões, novas ou velhas, direita ou acalcanhadas, lustrosas ou ruças, mas botas, botas, botas!

Neste ponto calaram-se as duas interlocutoras, e eu fiquei a olhar para uma e outra, a esperar se diziam alguma coisa mais. Nada; estavam pensativas.

Deixei-me ficar assim algum tempo, disposto a lançar mão delas, e levá-las Para casa com o fim de as estudar, interrogar, e depois escrever uma memória, que remeteria a todas as academias do mundo. Pensava também em as apresentar nos circos de cavalinhos, ou ir vendê-las a Nova Iorque. Depois, abri mão de

todos esses projetos. Se elas queriam a paz, uma velhice sossegada, por que motivo iria eu arrancá-las a essa justa paga de uma vida cansada e laboriosa? Tinham servido tanto! Tinham rolado todos os degraus da escala social; chegavam ao último, a praia, a triste Praia de Santa Luzia... Não, velhas botas! Melhor é que fiqueis aí no derradeiro descanso.
Nisto vi chegar um sujeito maltrapilho; era um mendigo. Pediu-me urna esmola; dei-lhe um níquel.
MENDIGO - Deus lhe pague meu senhor! (Vendo as botas) Um par de botas! Foi um anjo que as pôs aqui...
EU (ao mendigo) - Mas, espere...
MENDIGO - Espere o que? Se lhe digo que estou descalço! (Pegando tias botas) Estão bem boas! Cosendo-se isto aqui, com um barbante...
BOTA DIREITA - Que é isto, mana? Que é isto? Alguém pega em nós... Eu sinto-me no ar...
BOTA ESQUERDA - É um mendigo.
BOTA DIREITA- Um mendigo? Que quererá ele?
BOTA DIREITA (alvoroçada) - Será possível?
BOTA ESQUERDA - Vaidosa!
BOTA DIREITA - Ah! Mana! Esta é a filosofia verdadeira: - Não há bota velha que não encontre um pé cambaio.

ELOGIO DA VAIDADE

LOGO QUE A MODÉSTIA acabou de falar, com os olhos no chão, a Vaidade empertigou-se e disse:

I

Damas e cavalheiros, acabais de ouvir a mais chocha de todas as virtudes, a mais peca, a mais estéril de quantas podem reger o coração dos homens; e ides ouvir a mais sublime delas, a mais fecunda, a mais sensível, a que pode dar maior cópia de venturas sem contraste.
Que eu sou a Vaidade, classificada entre os vícios por alguns retóricos de profissão; mas na realidade, a primeira das virtudes. Não olheis para este gorro de guizos, nem para estes punhos carregados de braceletes, nem para estas cores variegadas com que me adorno. Não olheis, digo eu, se tendes o preconceito da Modéstia; mas se o não tendes, reparai bem que estes guizos e tudo mais, longe de ser uma casca ilusória e vã, são a mesma polpa

do fruto da sabedoria; e reparai mais que vos chamo a todos, sem os bicocos e meneios daquela senhora, minha mana e minha rival.
Digo a todos, porque a todos cobiço, ou sejais formosos como Paris, ou feios como Tersites, gordos como Pança, magros como Quixote, varões e mulheres, grandes e pequenos, verdes e maduros, todos os que compondes este mundo, e haveis de compor o outro; a todos falo, como a galinha fala aos seus pintinhos, quando os convoca à refeição, a saber, com Interesse, com graça, com amor. Porque nenhum, ou raro, poderá afirmar que eu o não tenha alçado ou consolado.

II

Onde é que eu não entro? Onde é que eu não mando alguma coisa? Vou do salão do rico ao albergue do pobre, do palácio ao cortiço, da seda fina e roçagante ao algodão escasso e grosseiro. Faço exceções, é certo (infelizmente!); mas, em geral, tu que possuis, busca-me no encosto da tua otomana, entre as porcelanas da tua baixela, na portinhola da tua carruagem; que digo? Busca-me em ti mesmo, nas tuas botas, na tua casaca. no teu bigode; busca-me no teu próprio coração. Tu, que não possuis nada, perscruta bem as dobras da tua estamenha, os recessos da tua velha arca; lá me acharás entre dois vermes famintos; ou ali, ou no fundo dos teus sapatos sem graxa, ou entre os fios da tua grenha sem óleo.
Valeria a pena ter, se eu não realçasse os teres? Foi para escondê-lo ou mostrá-lo, que mandaste vir de tão longe esse vaso opulento? Foi Para escondê-lo ou mostrá-lo, que encomendaste à melhor fábrica o tecido que te veste, a safira que te arreia, a carruagem que te leva? Foi para escondê-lo ou mostrá-lo, que ordenaste esse festim babilônio e pediste ao pomar os melhores vinhos? E tu, que nada tens, por que aplicas o salário de uma semana ao jantar de uma hora, senão porque eu te possuo e te digo que alguma coisa deves parecer melhor do que és na realidade? Por que levas ao teu casamento um coche, tão rico e tão caro, como o do teu opulento vizinho, quando podias ir à igreja com teus pés? Por que compras essa jóia e esse chapéu? Por que talhas o teu vestido pelo padrão mais rebuscado, e por que te remiras ao espelho com amor, senão porque eu te consolo da tua miséria e do teu nada, dando-te a troco de um sacrifício grande um benefício ainda maior?

III

Quem é esse que aí vem, com os olhos no eterno azul? É um poeta; vem compondo alguma coisa; segue o vôo caprichoso da

estrofe. - Deus te salve, Píndaro! Estremeceu; moveu a fronte, desabrochou em riso. Que é da inspiração? Fugiu-lhe; a estrofe perdeu-se entre as moitas; a rima esvaiu-lhe por entre os dedos da memória. Não importa; fiquei eu com ele, - eu, a musa décima, e, portanto, o conjunto de todas as musas, pela regra dos doutores, de Sganarello. Que ar beatífico! Que satisfação sem mescla! Quem dirá a esse homem que uma guerra ameaça levar um milhão de outros homens? Quem dirá que a seca devora uma porção do país? Nesta ocasião ele nada sabe, nada ouve. Ouve-me, ouve-se; eis tudo.

Um homem caluniou-o há tempos; mas agora, ao voltar a esquina, dizem-lhe que o caluniador o elogiou.

- Não me fales nesse maroto.
- Elogiou-te; disse que és um poeta enorme.
- Outros o têm dito, mas são homens de bem, e sinceros. Será ele sincero?
- Confessa que não conhece poeta maior.
- Peralta! Naturalmente arrependeu-se da injustiça que me fez. Poeta enorme, disse ele.
- O maior de todos.
- Não creio. O maior?
- O maior.
- Não contestarei nunca os seus méritos; não sou como ele que me caluniou; isto é, não sei, disseram-mo. Diz-se tanta mentira! Tem gosto o maroto; é um pouco estouvado às vezes, mas tem gosto. Não contestarei nunca os seus méritos. Haverá pior coisa do que mesclar o ódio às opiniões? Que eu não lhe tenho ódio. Oh! nenhum ódio. É estouvado, mas imparcial.

Uma semana depois, vê-lo-eis de braço com o outro, à mesa do café, à mesa do jogo, alegres, íntimos, perdoados. E quem embotou esse ódio velho, senão eu? Quem verteu o bálsamo do esquecimento nesses dois corações irreconciliáveis? Eu, a caluniada amiga do gênero humano.

Dizem que o meu abraço dói. Calúnia, amados ouvintes! Não escureço a verdade; às vezes há no mel uma pontazinha de fel; mas como eu dissolvo tudo! Chamai aquele mesmo poeta, não Píndaro, mas Trissotin. Vê-lo-eis derrubar o carão, estremecer, rugir, morder-se como os zoilos de Bocage. Desgosto. Convenho, mas desgosto curto. Ele irá dali remirar-se nos próprios livros. A justiça que um atrevido lhe negou, não lha negarão as páginas dele. Oh! A mãe que gerou o filho, que o amamenta e acalenta, que põe nessa frágil criaturinha o mais puro de todos os amores, essa mãe é Medéia, se a compararmos àquele engenho, que se consola da injúria, relendo-se: porque se o amor de mãe e a mais elevada

forma do altruísmo, o dele é a mais profunda forma de egoísmo, e só há uma coisa mais forte que o amor materno, é o amor de si próprio.

IV

Vede estoutro que palestra com um homem público. Palestra, disse eu? Não; é o outro que fala; ele nem fala, nem ouve. Os olhos entornam-se-lhe em roda, aos que passam, a espreitar se o vêem, se o admiram, se o invejam. Não corteja as palavras do outro; não lhes abre sequer as portas da atenção respeitosa. Ao contrário, parece ouvi-las com familiaridade, com indiferença, quase com enfado. Tu, que passas, dizes contigo:
- São íntimos; o homem público é familiar deste cidadão; talvez parente. Quem lhe faz obter esse teu juízo, senão eu? Como eu vivo da opinião e para a opinião, dou àquele meu aluno as vantagens que resultam de uma boa opinião, isto é, dou-lhe tudo.
Agora, contemplai aquele que tão apressadamente oferece o braço a uma senhora. Ela aceita-lho; quer seguir até a carruagem, e há muita gente na rua. Se a Modéstia animara o braço do cavalheiro, ele cumprira o seu dever de cortesania, com uma parcimônia de palavras, uma moderação de maneiras, assaz miseráveis. Mas quem lho anima sou eu, e é por isso que ele cuida menos de guiar a dama, do que de ser visto dos outros olhos. Por que não? Ela é bonita, graciosa, elegante; a firmeza com que assenta o pé é verdadeiramente senhoril. Vede como ele se inclina e bamboleia! Riu-se'? Não vos iludais com aquele riso familiar, amplo, doméstico; ela disse apenas que o calor é grande. Mas é tão bom rir para os outros! É tão bom fazer supor uma intimidade elegante.
Não deveríeis crer que me é vedada a sacristia? Decerto; e contudo, acho meio de lá penetrar, uma ou outra vez, às escondidas, até às meias roxas daquela grave dignidade, a ponto de lhe fazer esquecer as glórias do céu pelas vanglórias da terra. Verto-lhe o meu óleo no coração, e ela sente-se melhor, mais excelsa, mais su-blime do que esse outro ministro subalterno do altar, que ali vai queimar o puro incenso da fé. Por que não há de ser assim, se agora mesmo penetrou no santuário esta garrida matrona, ataviada das melhores fitas, para vir falar ao seu, Criador? Que farfalhar! Que voltear de cabeças! A antífona continua, a música não cessa; mas a matrona suplantou Jesus, na atenção dos ouvintes. Ei-la que dobra as curvas, abre o livro, compõe as rendas, murmura a oração, acomoda o leque. Traz no coração duas flores, a fé e eu; a celeste, colheu-o no catecismo, que lhe deram aos dez anos; a terrestre

colheu-a no espelho, que lhe deram aos oito; são os seus dois testamentos e eu sou o mais antigo.

V

Mas eu perderia o tempo, se me detivesse a mostrar um por um todos os meus súditos; perderia o tempo e o latim. Omnia vanitas. Para que citá-los, arrolá-los, se quase toda a terra me pertence? E digo quase, porque não há negar que há tristezas na terra e onde há tristezas aí governa a minha irmã bastarda, aquela que ali vedes com os olhos rio chão. Mas a alegria sobrepuja o enfado e a alegria sou eu. Deus dá um anjo guardador a cada homem; a natureza dá-lhe outro, e esse outro é nem mais nem menos esta vossa criada, que recebe o homem no berço, para deixá-lo somente na cova. Que digo? Na eternidade; porque o arranco final da modéstia, que aí lês nesse testamento, essa recomendação de ser levado ao chão por quatro mendigos, essa cláusula sou eu que a inspiro e dito; última e genuína vitória do meu poder, que é imitar os meneios da outra.
Oh! A outra! Que tem ela feito no mundo que valha a pena de ser citado? Foram as suas mãos que carregaram as pedras das Pirâmides? Foi a sua arte que entreteceu os louros de Temístocles? Que vale a charrua do seu Cincinato, ao pé do capelo do meu cardeal de Retz? Virtudes de cenóbios, são virtudes? Engenhos de gabinete, são engenhos? Traga-me ela uma lista de seus feitos, de seus heróis, de suas obras duradouras; traga-me, e eu a suplantarei, mostrando-lhe que a vida, que a história, que os séculos nada são sem mim.
Não vos deixeis cair na tentação da Modéstia: é a virtude dos pecos. Achareis decerto, algum filósofo, que vos louve, e pode ser que algum poeta, que vos cante. Mas, louvaminhas e cantarolas têm a existência e o efeito da flor que a Modéstia elegeu para emblema; cheiram bem, mas morrem depressa. Escasso é o prazer que dão, e ao cabo definhareis na soledade. Comigo é outra coisa: achareis, é verdade, algum filósofo que vos talhe na pele; algum frade que vos dirá que eu sou inimiga da boa consciência. Petas! Não sou inimiga da consciência, boa ou má; limito-me a substituí-la, quando a veio em frangalhos; se é ainda nova, ponho-lhe diante de um espelho de cristal, vidro de aumento. Se vos parece preferível o narcótico da Modéstia, dizei-o; mas ficai certos de que excluireis do mundo, o fervor, a alegria, a fraternidade.
Ora, pois, cuido haver mostrado o que sou e o que ela é; e nisso mesmo revelei a minha sinceridade, porque disse tudo, sem

vexame, nem reserva; fiz o meu próprio elogio que é vitupério, segundo um antigo rifão: mas eu não faço caso de rifões. Vistes que sou a mãe da vida e do contentamento ' o vínculo da sociabilidade, o conforto, o vigor a ventura dos homens; alço a uns, realço a outros, e a todos amo; e quem é isto é tudo, e não se deixa vencer de quem não é nada.

E reparai que nenhum grande vício se encobriu ainda comigo; ao contrário, quando Tartufo entra em casa de Orgon dá um lenço a Dorina para que cubra os seios. A modéstia serve de conduta a seus intentos. E por que não seria assim, se ela ali está de olhos baixos rosto caído, boca taciturna? Poderíeis afirmar que é Virgínia e não Locusta? Pode ser uma ou outra, porque ninguém lhe vê o coração. Mas comigo? Quem se pode enganar com este riso franco, irradiação do meu próprio ser; com esta face jovial, este rosto satisfeito, que um quase nada obumbra, que outro quase nada ilumina; estes olhos, que não se escondem, que se não esgueiram por entre as pálpebras, mas fitam serenamente o sol e as estrelas?

VI

O quê? Credes que não é assim? Querem ver que perdi toda a minha retórica, e que ao cabo da pregação, deixo um auditório de relapsos? Céus! Dar-se-á caso que a minha rival vos arrebatasse outra vez? Todos o dirão ao ver a cara com que me escuta este cavalheiro; ao ver o desdém do leque daquela matrona. Uma levanta os ombros; outro ri de escárnio. Vejo ali um rapaz a fazer-me figas: outro abana tristemente a cabeça; e todas, todas as pálpebras parecem baixar, movidas por um sentimento único. Percebo, percebo! Tendes a volúpia suprema da vaidade, que é a vaidade da modéstia.

CHERCHEZ LA FEMME

QUEM INVENTOU esta frase, como uma advertência própria a devassar a origem de todos os crimes, era talvez um ruim magistrado, mas, com certeza, excelente filósofo. Como arma policial, a frase não tem valor, ou pouco e restrito; mas aprofundai-a, e vereis tudo que ela abrange; vereis a vida inteira do homem.

Antes da sociedade, antes da família, antes das artes e do conforto, antes das belas rendas e sedas que constituem o sonho da leitora assídua deste jornal, antes das valsas de Strauss, dos Huguenotes, de Petrópolis, dos landaus e das luvas de pelica; antes, muito antes

do primeiro esboço da civilização, toda a civilização estava em gérmen na mulher. Neste tempo ainda não havia pai, mas já havia mãe. O pai era o varão adventício, erradio e fero que se ia, sem curar da prole que deixava. A mãe ficava; guardava consigo o fruto do seu amor casual e momentâneo, filho de suas dores e cuidados; mantinha-lhe a vida. Não desvie a leitora os seus belos olhos desse infante bárbaro, rude e primitivo; é talvez o milionésimo avô daquele que lhe fabricou agora o seu véu de Malines ou Bruxelas; ou - provável conjetura!- é talvez o milionésimo avô de Meyerbeer, - a não ser que o seja do Sr. Gladstone ou da própria leitora.
Se quereis procurar a mulher, é preciso ir até lá, até esse tempo, d'ogni luce mutto, antes dos primeiros albores. Depois, regressai. Vinde, rio abaixo dos séculos, e onde quer que pareis, a mulher vos aparecerá, com o seu grande influxo, algumas vezes maléfico, mas sempre irrecusável; achá-la-eis na origem do homem e no fim dele; e se devemos aceitar a original teoria de um filósofo, ela é quem transmite a porção intelectual do homem.
Assim, amável leitora, quando alguém vier dizer-vos que a educação da mulher é uma grande necessidade social, não acrediteis que é a voz da adulação, mas da verdade. O assunto é decerto prestádio à declamação; mas a idéia é justa. Não vos queremos para reformadoras sociais, evangelizadoras de teorias abstrusas, que mal entendeis, que em todo caso desdizem do vosso papel; mas entre isso e a ignorância e a frivolidade, há um abismo; enchamos esse abismo.
A companheira do homem precisa entender o homem. A graça da sociedade deve contribuir para ela mais do que com o influxo de suas qualidades tradicionais. Enfim, é preciso que a mulher se descative de uma dependência, que lhe é imortal, que não lhe deixa muita vez outra alternativa entre a miséria e a devassidão.
Vindo à nossa sociedade brasileira, urge dar à mulher certa orientação que lhe falta. Duas são as nossas classes feminis, - uma crosta elegante fina, superficial, dada ao gosto das sociedades artificiais e cultas; depois a grande massa ignorante, inerte e virtuosa, mas sem impulsos, e em caso de desamparo, sem iniciativa nem experiência. Esta tem jus a que lhe dêem os meios necessários para a luta da vida social; e tal é a obra que ora empreende uma instituição antiga nesta cidade, que não nomeio porque está na boca de todos, e aliás vai antiga noutra parte desta publicação.
A ocasião é excelente para uns apanhados de estilo, uma exposição grave e longa do papel da mulher no futuro, para uma dissertação acerca do valor da mulher, como filha, esposa, mãe, irmã, enfermeira e mestra, tudo antiga dos nomes de Rute e Cornélia,

Récamier e a Marquesa de Alorna. Não faltaria dizer que a mulher é a estrela que leva o homem pela vida adiante, e que principalmente as leitoras d'A Estação a merecem o culto de todos os espíritos elegantes. Mas estas cousas subentendem-se e não se dizem por ociosas. Baste-nos isto: educar a mulher é educar o próprio homem, a mãe completará o filho.

METAFÍSICA DAS ROSAS

Pour la rose, le jardinier est immortel,
car de mémoire de rose, on n'a pas vu mouir un jardinier.
FONTENELLE

LIVRO PRIMEIRO

NO PRINCÍPIO era o Jardineiro. E o Jardineiro criou as Rosas. E tendo criado as Rosas, criou a chácara e o jardim, com todas as coisas que neles vivem para glória e contemplação das Rosas. Criou a palmeira, a grama. Criou as folhas, os galhos, os troncos e botões. Criou a terra e o estrume. Criou as árvores grandes para que amparassem o toldo azul que cobre o jardim e a chácara e ele não caísse e esmagasse as Rosas. Criou as borboletas e os vermes. Criou o sol, as brisas, o orvalho e as chuvas.
Grande é o Jardineiro! Suas longas pernas são feitas de tronco eterno. Os braços são galhos que nunca morrem; a espádua é como um forte muro por onde a erva trepa. As mãos, largas, espalham benefícios às Rosas.
Vede agora mesmo. A noite voou, amanhã clareia o céu, cruzam-se as borboletas e os passarinhos, há uma chuva de pilipos e trimados no ar. Mas a terra estremece. É o pé do Jardineiro que caminha para as Rosas. Vede: traz nas mãos o regador que borrifa sobre as Rosas a água fresca e pura, e assim também sobre as outras plantas, todas criadas para glória das Rosas. Ele o formou no dia em que, tendo criado o sol que dá vida às Rosas, este começou a arder sobre a terra. Ele o enche de água todas as manhãs, uma, duas, cinco, dez vezes. Para a noite, pôs ele no ar um grande regador invisível que peneira orvalho e quando a terra seca e o

calor abafa, enche o grande regador das chuvas que alagam a terra de água e de vida.

LIVRO II

Entretanto, as Rosas estavam tristes, porque a contemplação das coisas era muda e os olhos dos pássaros e das borboletas não se ocupavam bastantemente das Rosas. E o Jardineiro, vendo-as tristes, perguntou-lhes:

- Que tendes vós, que inclinais as pétalas para o chão? Dei-vos a chácara e o jardim; criei o sol e os ventos frescos; derramo sobre vós o orvalho e a chuva; criei todas as plantas para que vos amem e vos contemplem. A minha mão detém no meio do ar os grandes pássaros para que vos não esmaguem ou devorem. Sois as princesas da terra. Por que inclinais as pétalas para o chão?

Então as Rosas murmuraram que estavam tristes porque a contemplação das coisas era muda, e elas queriam quem cantasse os seus grandes méritos e as servisse.

O Jardineiro sacudiu a cabeça com um gesto terrível; o jardim e a chácara estremeceram até aos fundamentos. E assim falou ele, encostado ao bastão que trazia:

- Dei-vos tudo e não estais satisfeitas? Criei tudo para vós e pedis mais? Pedis a contemplação de outros olhos; ides tê-la. Vou criar um ente à minha imagem que vos servirá, contemplará e viverá milhares e milhares para que vos sirva e ame.

E, dizendo isto, tomou de um velho tronco de palmeira e de um tronco de palmeira e de um facão. No alto do tronco abriu duas fendas iguais aos seus olhos divinos, mais abaixo outra igual à boca; recortou as orelhas, alisou o nariz, abriu-lhe os braços, as pernas, as espáduas. E, tendo feito o vulto, soprou-lhe em cima e ficou um homem. E então lançou mão de um tronco de laranjeira, rasgou os olhos e a boca, contornou os braços e as pernas e soprou-lhe também em cima, e ficou uma Mulher.

E como o homem e a mulher adorassem o Jardineiro, ele disse-lhes:

- Criei-vos para o único fim de amardes e servirdes as Rosas, sob a pena de morte e abominação, porque eu sou o Jardineiro e elas são as senhoras da terra, donas de tudo o que existe: o sol e chuva, o dia e a noite, o orvalho e os ventos, os besouros, os colibris as andorinhas, as plantas todas, grandes e pequenas, e as flor e as sementes das flores, as formigas, as borboletas, as cigarras os filhos das cigarras.

LIVRO III

O homem e a mulher tiveram filhos e os filhos outros filhos, disseram eles entre si:
- O Jardineiro criou-nos para amar e servir as Rosas; façam festas e danças para que as Rosas vivam alegres.
Então vieram à chácara e ao jardim, e bailaram e riram, e giraram em volta das Rosas, cortejando-as e sorrindo para elas. Vieram também outros e cantaram em verso os merecimentos das Rosas. E quando queriam falar da beleza de alguma filha das mulheres faziam comparação com as Rosas, porque as Rosas são as maiores belezas do Universo, elas são as senhoras de tudo o que vive e respira.
Mas, como as Rosas parecessem enfaradas da glória que tinham no jardim, disseram os filhos dos homens às filhas das mulheres: Façamos outras grandes festas que as alegrem. Ouvindo isto, o jardineiro disse-lhes: - Não; colhei-as primeiro, levai-as depois a lugar de delícias que vos indicarei.
Vieram então os filhos dos homens e as filhas colheram as Rosas, não só as que estavam abertas como algumas ainda não desabrochadas; e depois as puseram no peito, na cabeça ou em grandes molhos, tudo conforme ordenara o Jardineiro. E levando-as para fora do jardim, foram com elas a um lugar de delícias, misterioso e remoto, onde todos os filhos dos homens e todas as filhas das mulheres as adoram prostrados no chão. E depois que o jardineiro manda embora o sol, pega as Rosas cortadas pelos homens e pelas mulheres, e uma por uma prega-as no toldo azul que cobre a chácara e o jardim, onde elas ficam cintilantes durante a noite. E é assim que não faltam luzes que clareiem a noite quando o sol vai descansar por trás das grandes árvores do acaso.
Elas brilham, elas cheiram, elas dão as cores mais lindas da terra.
Sem elas nada haveria na terra, nem o sol, nem o jardim, nem a chácara, nem os ventos, nem as chuvas, nem os nem os homens, nem as mulheres, nada mais do que o Jardineiro, que as tirou do seu cérebro porque elas são os pensamentos do Jardineiro, desabrochadas no ar e postas na terra, criada para elas e para glória delas. Grande é o Jardineiro! Grande e eterno é o pai sublime das rosas sublimes.

JOSÉ DE ALENCAR

CADA ANO que passa é uma expansão da glória de José de Alencar.
Outros apagam-se com o tempo; ele é dos que fulguram a mais e mais, serenamente, sem tumulto, mas com segurança.
São assim as glórias definitivas.
Na história do romance e na do teatro, para não sair das letras, José de Alencar escreveu as paginas que todos lemos, e que há de ler a geração futura.
O futuro nunca se engana.

CARTA A UM AMIGO [RJ. Junho de 1884.]

MEU AMIGO, - Prometia-lhe um artigo para o livro que se vai imprimir, comemorando mais um progresso do Liceu Literário Português, e sou obrigado a não lhe dar nada do que era minha intenção. Tinha planeado uma apreciação longa e minuciosa das instituições literárias e outras dos portugueses no Brasil, faltou-me o tempo e descanso do espírito.
Escrever somente algumas reflexões acerca do papel dos portugueses na América é cair na repetição. Louvar o ardor com que eles se organizam em associações de beneficência, de leitura e de ensino, a tenacidade dos seus esforços, a dedicação de todos constante e obscura, com os olhos no bem comum e no lustre do nome coletivo, é dizer, o menos bem, o que em todos os tempos se tem escrito, pouco depois que o Brasil se separou da mãe-pátria para continuar na América o que a nossa língua produziu na Europa.
Não é menos sabido, - e, porventura, é ainda mais notável, no que respeita às associações de ensino e leitura, - que todos esses esforços e trabalhos saem das mãos de uma classe de homens geralmente despreocupada da vida mental. Tem-se por efetiva e constante a incompatibilidade do ofício mercantil com os hábitos do espírito puro; os portugueses na América não raro mostram que as duas cousas podem ser paralelas, não inimigas, que há um arrabalde em Cartago por uma aula de Atenas.
Desenvolver essa observação por meio de um estudo minucioso e individual das instituições portuguesas, entre nós, - tal era a minha idéia. Entre elas ocuparia brilhante lugar o Liceu Literário

Português, uma das mais antigas e notáveis. Há longos anos criada, trabalhando na sombra, com diversa fortuna, ao que parece, mas nunca extinta, nem desamparada, veio galgando os tempos até o grau próspero em que a vemos. Homens, em cujos ombros pesam cuidados de outra ordem e vária espécie, deram a esse grêmio o melhor das afeições, a devoção do espírito, e um zelo que, se alguma vez afrouxou, não morreu nunca, nem lhe entrou o desalento, e a prova e que do tronco pujante brotam novos galhos, onde circula a mesma vida donde penderão frutos de saúde, que incitarão a outros e ainda a outros. Cultores do pão, sabem que nem só de pão vive o homem.
Desculpe se não acudo como quisera ao seu amável convite e creia na afeição e estima do

MACHADO DE ASSIS

PEDRO LUIS

JORNALISTA, poeta, deputado, administrador, ministro e homem da mais fina sociedade fluminense, pertencia este moço à geração que começou por 1860.
Chamava-se Pedro Luís Pereira de Sousa e nasceu no município de Araruama, Província do Rio de Janeiro, a 15 de dezembro de 1839, filho do Comendador Luís Pereira de Sousa e de D. Maria Carlota de Viterbo e Sousa. Era formado em ciências sociais e jurídicas pela Faculdade de S. Paulo.
Começou a vida política na folha de Flávio Farnese, a Atualidade, de colaboração com Lafayette Rodrigues Pereira, atualmente senador, e com Bernardo Guimarães, mavioso poeta mineiro, há pouco falecido. Ao mesmo tempo iniciou vida de advogado no escritório de F. Otaviano.
Essa primeira fase da vida de Pedro Luís dá vontade de ir longe.
A figura de Flávio Farnese surge debaixo da pena e incita a recompor com ela uma quadra inteira de fé e de entusiasmo liberal. Ao lado de Farnese, de Lafayette, de Pedro Luís, vieram outros nomes que, ou cresceram também, ou pararam de todo, por morte ou por outras causas. Sobre tal tempo é passado um quarto de século, o espaço de uma vida ou de um reinado. Olha-se para ele com saudade e com orgulho.
Conheci Pedro Luís na imprensa. Íamos ao Senado tomar nota dos debates, ele, Bernardo Guimarães e eu, cada qual para o seu jornal. Bernardo Guimarães era da geração anterior, companheiro de Álvares de Azevedo, mas realmente não tinha idade; não a teve nunca. A nota juvenil era nele a expressão de humor e do talento,

Nem Bernardo nem eu íamos para a milícia política; Pedro Luís dentro de pouco foi eleito deputado pelo 2.º distrito da Província do Rio de Janeiro com os conselheiros Manuel de Jesus Valdetaro e Eduardo de Andrade Pinto. A estréia de Padre Luís na tribuna foi um grande sucesso do tempo, e está comemorada nos jornais com a justiça que merecia. Tratava-se de um projeto concedendo um pedaço de terra a um Padre Janrard, lazarista. Padre Luís fez desse negócio insignificante uma batalha de eloquência, e proferiu um discurso cheio de grande alento liberal. Surdiram-lhe em frente dous adversários respeitáveis: Monsenhor Pinto de Campos, que reunia aos sentimentos de conservador o caráter sacerdotal e o Dr. Junqueira queira, atual senador: eram dous nomes feitos e tanto bastava a honrar o estreante orador.
As vicissitudes políticas fizeram-se sentir em breve.
Pedro Luís não foi reeleito na legislatura seguinte. Em 1868 a situação liberal, o Conselheiro Otaviano tratou da funda Reforma, e convidou Padre Luís, que ali trabalhou ao lado flor do partido.
Então, como antes, cultivou as letras, deixando algumas composições notáveis, como "Os Voluntários da Morte", "Terribilis Dea "Tiradentes" e "Nunes Machado". A primeira destas tinha sido r citada por ele mesmo em uma casa da Rua da Quitanda, onde se reuniam alguns amigos e homens de letras; e foi uma revelação de primeira ordem. Recitada pouco depois no teatro e divulgada pela imprensa, correu o império e atravessou o oceano, sendo reproduzida em Lisboa, donde o Visconde de Castilho escreveu ao poeta dizendo-lhe que essa ode era um rugido de leão.
Todas as demais composições tiveram o mesmo efeito. São, na verdade, cheias de grande vigor poético, raro calor e movimento lírico.
Não tardou que a política ativa o tomasse inteiramente. Em 1877 subiu ao poder o Partido Liberal e ele tornou à Câmara dos Deputado, representando a Província do Rio de Janeiro. A 28 de março de 1880, organizando o Sr. Senador Saraiva o seu ministério, confiou a Pedro Luís a pasta dos negócios estrangeiros, para a qual parecia indicá-lo especialmente as qualidades pessoais. Nem ocupou somente essa pasta: foi sucessivamente ministro interino da marinha, do império e da agricultura.
No ministério da agricultura, que ele regeu duas vezes, e a segunda por morte do Conselheiro Buarque de Macedo, encontramo-nos os dous, trabalhando juntos, como em 1860, mas ele agora era ministro de Estado, e eu tão-somente oficial de gabinete. Cito esta circunstância para afirmar com o meu testemunho pessoal, que esse moço suposto sibarita e indolente, era nada menos que um trabalhador ativo, zeloso do cargo e da pessoa; todos os que o

praticaram de perto podem atestar isto mesmo. Deixou o seu nome ligado a muitos atos de administração interior ou de natureza diplomática.
Posta em execução a reforma eleitoral, obra do próprio ministério dele, o Conselheiro Pedro Luís, que então era ministro de duas pastas, não conseguiu ser eleito. Aceitou a derrota com o bom humor que lhe era próprio, embora tivesse de padecer na legítima ambição política; mas estava moço e forte, e a derrota era das que laureiam. Não ter algumas centenas de votos é apenas não dispor da confiança de outras tantas pessoas, cousa que não prejulga nada. O desdouro seria cair mal, e ele caiu com gentileza.
Pouco tempo depois foi nomeado presidente da província da Bahia donde voltou enfermo, com a morte em si. Na Bahia deixou verdadeiras saudades; era estimado de toda a gente, respeitado e benquisto.
O organismo, porém, começou a deperecer, e o repouso e tratamento tornaram-se-lhe indispensáveis; alcançou a demissão do cargo e regressou à vida particular.
Faleceu na sua fazenda da Barra Mansa, às 4 horas da madrugada do dia 16 de julho do corrente ano de 1884.
Era casado com D. Amélia Valim Pereira de Sousa, filha Comendador Manuel de Aguiar Valim, fazendeiro do município Bananal e chefe ali do Partido Conservador. Um dos jornais Rio de Janeiro mencionou esta circunstância:
Tal era a amenidade do caráter de Pedro Luís, que, a despeito de suas opiniões políticas, seu sogro o prezava e distinguia muito, assim como outros muitos fazendeiros importantes daquele município, sem distinção de partido.
Ninguém que o praticou intimamente deixou de trazer a impressão de uma verdadeira personalidade, podendo acrescentar-se que e não deu tudo que era de esperar do seu talento, e que valia ainda mais do que a sua reputação.
Posto que um tanto céptico, era sensível, profundamente sensível; tinha instrução variada, gosto fino e puro, nada trivial nem choco era cheio de bons ditos, e observador como raros.

ARTUR BARREIROS

MEU CARO VALENTIM MAGALHÕES. - Não sei que lhe diga que possa adiantar ao que sabe do nosso Artur Barreiros. Conhecemo-lo: tanto basta para dizer que o amamos. Era um dos melhores da sua gera geração inteligente, estudioso, severo consigo, entusiasta das cousas belas dourando essas qualidades com um caráter

exemplar e raro: e se não deu tudo o que podia dar, foi porque cuidados de outra ordem lhe tomaram o espírito nos últimos tempos. Creio que, em tendo a vida repousada, aumentaria os frutos do seu talento, tão apropriado aos estudos longos e solitários e ao trabalho polido e refletido.
A fortuna, porém, nunca teve grandes olhos benignos para o nosso amigo; e a natureza, que o fez probo, não o fez insensível. Daí algumas síncopes do animo, e umas intermitência de misantropia a que vieram arrancá-lo ultimamente a esposa que tomou e os dois, filhinhos que lhe sobrevieram. Essa mesma fortuna parece ter ajustado as cousas de modo que ele, tão austero e recolhido, deixasse a vida em pleno carnaval. Não era preciso tanto para mostrar contraste e a confusão das cousas humanas.
Não posso lembrar-me dele, sem recordar também outro Artur, o Artur de Oliveira, ambos tão meus amigos. A mesma moléstia os levou, aos trinta anos, casados de pouco. A feição do espírito era
diferente neles, mas uma cousa os aproxima, além da minha saudade, é que também o Artur de Oliveira não deu tudo o que podia, e podia muito.
Ao escrever-lhe as primeiras linhas desta carta, chovia copiosamente, e o ar estava carregado e sombrio. Agora, porém, urna nesga azul do céu, não sei se duradoura ou não, parece dizer-nos que nada está mudado para ele, que é eterno. Um homem de mais ou de menos importa o mesmo que a folha que vamos arrancar à árvore para juncar o chão das nossas festas. Que nos importa a folha?
Esta advertência, que não chega a abater a mocidade tinge de melancolia os que já não são rapazes. Estes têm atrás de si uma longa fileira de mortos. Cada um dos recentes lembra-lhe os outros. Alguns desses mortos encheram a vida com ações ou escritos, e fizeram ecoar o nome além dos limites da cidade. Artur Barreiros (e não é dos menores motivos de tristeza) gastou o aço em labutações estranhas ao seu gosto particular; entre este e a necessidade não hesitou nunca, e acanhou em parte as faculdades por um excessivo sentimento de modéstia e desconfiança. A extrema desconfiança não e menos perniciosa que a extrema presunção. "As dúvidas são traidoras", escreveu Shakespeare; e pode-se dizer que muita vez o foram com o nosso amigo. O tempo dar-lhe-ia a completa vitória; mas o mesmo tempo o levou, depois de longa e cruel enfermidade. Não levará a nossa saudade nem a estima que lhes devemos.

MACHADO DE ASSIS

ANTES A ROCHA TARPÉIA ...

COMO É que me achei ali em cima? Era um pedaço de telhado, inclinado, velho, estreitinho, com cinco palmos de muro por trás. Não sei se fui ali buscar alguma coisa; parece que sim, mas qualquer que ela fosse, tinha caído ou voado, já não estava comigo. Eu é que fiquei ali no alto, sozinho, sem nenhum meio de voltar abaixo.

Começara a entender que era pesadelo. Já lá vão alguns anos. A rua ou estrada em que se achava aquela construção era deserta. Eu, do alto, olhava para todos os lados sem descobrir sombra de homem. Nada que me salvasse; pau nem corda. Ia aflito de um para outro lado, vagaroso, cauteloso, porque as telhas eram antigas, e também porque o menor descuido far-me-ia escorregar e ir ao chão. Continuava a Olhar ao longe, a ver se aparecia um salvador; olhava também para baixo, mas a idéia de dar um pulo era impossível; a altura era grande, a morte certa.

De repente, sem saber donde tinham vindo, vi embaixo algumas pessoas, em pequeno número, andando, umas da direita, outras da esquerda. Bradei de cima à que passava mais perto.

- Ó senhor acuda-me!

Mas o sujeito não ouviu nada, e foi andando. Bradei a outro e outro; todos iam passando sem ouvir a minha voz. Eu, parado, cosido ao muro, gritava mais alto, como um trovão. O temor ia crescendo, a vertigem começava; e eu gritava que me acudissem, que me salvassem a vida, pela escada, corda, um pau, pedia um lençol, ao menos, que me apanhasse na queda. Tudo era vão. Das pessoas que passavam só restavam três, depois duas, depois uma. Bradei a essa última com todas as forças que me restavam:

- Acuda! Acuda!

Era um rapaz, vestido de novo, que ia andando e mirando as botas e as calças. Não me ouviu, continuou a andar, e desapareceu.

Ficando só, nem por isso cessei de gritar. Não via ninguém, mas via o perigo. A aflição era já insuportável, o terror chegara ao paroxismo...Olhava para baixo, olhava para longe, bradava que me acudissem, e tinha a cabeça tonta e os cabelos em pé...Não sei se cheguei a cair; de repente, achei-me na cama acordado.

Respirei à larga, com o sentimento da pessoa que sai de um pesadelo. Mas aqui deu-se um fenômeno particular; livre de perigo, entrei a saboreá-lo. Em verdade, tivera alguns minutos ou segundos de sensações extraordinárias; vivi de puro terror, vertigem e

desespero, entre a vida e a morte, como uma peteca entre as mãos destes dois mistérios. A certeza, porém, de que tinha sido sonho dava agora outro aspecto ao perigo, e trazia à alma o desejo vago de achar-me nele outra vez. Que tinha, se era sonho?

Ia assim pensando, com os olhos fechados, meio adormecido; não esquecera as circunstâncias do pesadelo, e a certeza de que não chegaria a cair acendeu de todo o desejo de achar-me outra vez no alto do muro, desamparado e aterrado. Então apertei muito os olhos para não despertar de todo, e para que a imaginação não tivesse tempo de passar a outra ordem de visões.

Dormi logo. Os sonhos vieram vindo, aos pedaços, aqui uma voz, ali um perfil, grupos de gente, de casas, um morro, gás, sol, trinta, mil coisas confusas que se cosiam e descosiam. De repente vi um telhado, lembrei-me do outro, e como dormira com a esperança de reatar o pesadelo, tive uma sensação misturada de gosto e pavor. Era o telhado de uma casa: a casa tinha uma janela; à janela estava um homem; este homem cumprimentou-me risonho, abriu a porta, fez-me entrar, fechou a porta outra vez e meteu a chave no bolso.

- Que é isto? Perguntei-lhe.

- É para que nos não incomodem, acudiu ele risonho.

Contou-me depois que trazia um livro entre mãos, tinha uma demanda e era candidato a um lugar de deputado: três matérias infinitas. Falou-me do livro, trezentas páginas, com citações, notas, apêndices: referiu-me a doutrina, o método, o estilo, leu-me três capítulos. Gabei-os, leu-me mais quatro. Depois, enrolando o manuscrito disse-me que previa as críticas e objeções; declarou quais eram e refutou-as por uma.

Eu sentado, afiava o ouvido, a ver se aparecia alguém; pedia a Deus um salteador ou a justiça, que arrombasse a porta. Ele, se falou em justiça, foi para contar-me a demanda, que era uma ladroeira do adversário, mas havia de vencê-lo a todo custo. Não me ocultou nada; ouvi o motivo e todos os trâmites da causa, com anedotas pelo meio, uma do escrivão que estava vendido ao adversário, outra de um procurador, as conversações com os juízes, três acórdãos e os respectivos fundamentos. À força de pleitear, o homem conhecia muito texto, decretos, leis, ordenações, citava os livros e os parágrafos, salpicava tudo de perdigotos latinos. Às vezes, falava andando para descrever o terreno, - era uma questão de terras - aqui o rio, descendo por ali. pegando com o outro mais abaixo: deste lado as terras de Fulano, daquele as de Sicrano. . . Uma ladroeira clara, que me parecia?

- Que sim.

Enxugou a testa, e passou à candidatura. Era legítima; não negava que pudesse haver outras aceitáveis; mas a dele era a mais legítima. Tinha serviços ao partido, não era aí qualquer coisa, não vinha pedir esmola de votos. E contava os serviços prestados em vinte anos de lutas eleitorais, luta de imprensa, apoio aos amigos, obediência aos chefes. E isso não se premiava? Devia ceder o seu lugar a filhos? Leu a circular; tinha três páginas apenas; com os comentários verbais, sete. E era a um homem destes que queriam deter o passo? Podiam intrigá-lo; ele sabia que o estavam intrigando, choviam cartas anônimas... Que chovessem! Podiam vasculhar no passado dele, não achariam nada, nada mais que uma vida pura, e, modéstia à parte, um modelo de excelentes qualidades. Começou pobre, muito pobre; se tinha alguma cousa era graças ao trabalho e à economia, — as duas alavancas do progresso.

Uma só dessas velhas alavancas que ali estivesse bastava para deitar a porta abaixo; mas nem uma nem outra, era só ele, que prosseguia, dizendo-me tudo o que era, o que não era, o que seria, e o que teria sido e o que viria a ser, um Hércules, que limparia a estrebaria de Augias, — um varão forte, que não pedia mais que tempo e justiça. Fizessem-lhe justiça, dando-lhe votos e ele se incumbiria do resto. E o resto foi ainda muito mais do, que pensei. . . Eu, abatido, olhava para a porta, e a porta calada, impenetrável, não me dava a menor esperança. Lasciati ogni speranza...

Não, cá está mais que a esperança; a realidade deu outra vez comigo acordado, na cama. Era ainda noite alta; mas nem por isso tentei, como da primeira vez, conciliar o sono. Fui ler para não dormir. Por quê? Um homem, um livro, uma demanda uma candidatura, porque é que temi reavê-los, se ia antes, de cara alegre, meter-me outra vez no telhado em que... ?

Leitor, a razão é simples. Cuido que há na vida em perigo um sabor particular e atrativo; mas na paciência em perigo não há nada. A gente recorda-se de um abismo com prazer; não se pode recordar de um maçante sem pavor. Antes a rocha Tarpéia que um autor de má nota.

O FUTURO DOS ARGENTINOS

QUANDO hoje contemplo o rápido progresso da nação Argentina, recordo-me sempre da primeira e única vez que vi o Dr. Sarmiento, presidente que sucedeu ao General Mitre no governo da república.

Foi em 1868. Estávamos alguns amigos no Club Fluminense, Praça da Constituição, casa onde é hoje a Secretaria do Império. Eram nove horas da noite. Vimos entrar na sala do chá um homem que ali se hospedara na véspera. Não era moço; olhos grandes e inteligentes, barba raspada, um tanto cheio. Demorou-se pouco tempo; de quando em quando, olhava para nós, que o examinávamos também, sem saber quem era. Era justamente o Dr. Sarmiento, vinha dos Estados Unidos, onde representava a Confederação Argentina, e donde saíra porque acabava de ser eleito presidente da república. Tinha estado com o imperador, e vinha de uma sessão científica. Deus ou três dias depois, seguiu para Buenos Aires.
A impressão que nos deixara esse homem foi, em verdade, profunda. Naquela visão rápida do presidente eleito pode-se dizer que nos aparecia o futuro da nação Argentina.
Com efeito, uma nação abafada pelo despotismo, sangrada pelas revoluções, na qual o poder não decorria mais que da força vencedora e da vontade pessoal, apresentava este espetáculo interessante: um general patriota, que alguns anos antes, após uma revolução e uma batalha decisiva, fora elevado ao poder e fundara a liberdade constitucional, ia entregar tranqüilamente as rédeas do Estado não a outro general triunfante, depois de nova revolução, mas a um simples legista, ausente da pátria, eleito livremente por seus concidadãos. Era evidente que esse povo, apesar da escola em que aprendera, tinha a aptidão da liberdade; era claro também, que os seus homens públicos, em meio das competências que os separavam, e porventura ainda os separam, sabiam unir-se para um fim comum e superior.
Sarmiento chegou a Buenos Aires o General Mitre entregou-lhe o poder, tal qual o constituíra e preservara da violência e do desânimo. Então os amigos deste claro e subido espírito lembraram-se (se a minha reminiscência é exata) de lhe dar uma prova de afeto e admiração, um como prêmio da sua lealdade política, e criaram-lhe um jornal, essa mesma Nación, que é hoje uma das primeira folhas da América do Sul. Fato não menos expressivo que o outro.
Vinte anos depois, a nação Argentina chegou ao ponto em que se acha, próspera, rica, pacífica, naturalmente ambiciosa de progresso e esplendor. Esqueceu a opressão, desaprendeu a caudilhagem; conhece os benefícios da liberdade e da ordem. Vinte anos apenas; digamos vinte e oito, porque a campanha de Mitre foi o primeiro passo dessa marcha vitoriosa.
Agora, no dia em que os argentinos celebram a sua festa constitucional lembro-me daqueles tempos, e comparo-os com

estes, quando, em vez de soldados que os vão auxiliar a derrocar uma tirania odiosa, mandamos-lhe uma simples comissão de jornalistas, uma em baixada da opinião à opinião; tão confiados somos de que não há já entre nós melhor campo de combate. Oxalá caminhem sempre o Império e a República, de mãos dadas, prósperos e amigos.

JOAQUIM SERRA

QUANDO HÁ DIAS fui enterrar o meu querido Serra, vi que naquele féretro ia também uma parte da minha juventude. Logo de manhã relembrei-a toda. Enquanto a vida chamava ao combate diurno todas as suas legiões infinitas, tão alegre e indiferente, com. se não acabasse de perder na véspera um dos mais robustos legionários, recolhi-me às memórias de outro tempo, fui reler algumas cartas do meu amado amigo.

Cartas íntimas e familiares, mais letras que política. As primeiras embora velhas, eram ainda moças, daquela mocidade que ele sabia comunicar às coisas que tratava. Relê-las era conversar com o morto cuja alma ali estava derramada no papel, tão viçosa como no primeiro dia. A cintilação do espírito era a mesma; a frase brotava e corria pela folha abaixo, como a água de um córrego, rumorosa e fresca.

Os dedos que tinham lavrado aquelas folhas de outro tempo, quando os vi depois cruzados, sobre o cadáver, lívidos e hirtos, não pude deixar de os contemplar longamente, recordando as páginas públicas que trabalharam, e que ele soltou ao vento, ora com o desperdício de um engenho fértil, ora com a tenacidade de apóstolo. Versos sobre versos, prosa e mais prosa, artigos de toda casta, políticos,
literários, o epigrama fino, o epíteto certo ou jovial, e, durante os últimos anos, a luta pela abolição, tudo caiu daqueles dedos infatigáveis prestadios, tão cheios de força como de desinteresse.

A morte trouxe ao espírito de todos o contraste singular entre os méritos de Joaquim Serra e os seus destinos políticos. Se a vida política é, como a demais vida universal, uma luta em que a vitória há de caber ao mais aparelhado, aí deve estar a explicação do fenômeno. Podemos concluir então, que não bastam o talento e a dedicação, se não é que o próprio talento pode faltar, às vezes, sem dano algum para a carreira do homem. A posse de outras qualidades pode ser também negativa para os efeitos do combate. Serra possuía a virtude do sacrifício pessoal, e mui cedo a aprendeu

e cumpriu, segundo o que ele próprio mandou me dizer um dia da Paraíba do Norte, em 10 de março de 1867:
Já te escrevi algumas linhas acerca da minha adiada viagem em maio. Foi mister. . . Não sei mesmo como se exigem sacrifícios da ordem daqueles que ultimamente se me têm exigido. Se eu contasse tudo, talvez não o acreditarias. Enfim, não te verei em maio, mas hei de ir ao Rio este ano.
Não me referiu, nem então, nem depois, outras particularidades, porque também possuía o dom de esquecer, - negativo e impróprio da vida política.
Era modesto até à reclusão absoluta. Suas idéias saíam todas endossadas por pseudônimos. Eram como moedas de ouro, sem efígie, com o próprio e único valor do metal. Daí o fenômeno observado ainda este ano. Quando chegou o dia da vitória abolicionista, todos Os seus valentes companheiros de batalha citaram gloriosamente o nome de Joaquim Serra entre os discípulos da primeira hora, entre os mais estrênuos, fortes e devotados; mas a multidão não o repetiu não o conhecia. Ela, que nunca desaprendeu de aclamar e agradecer os benefícios, não sabia nada do homem que, no momento em que a nação inteira celebrava o grande ato, recolhia-se satisfeito ao seio da família. Tendo ajudado a soletrar a liberdade, Joaquim Serra ia continuar a ler o amor aos que lhe ensinavam todos os dias a consolação.
Mas eu vou além. Creio que Joaquim Serra era principalmente um artista. Amava a justiça e a liberdade, pela razão de amar também o arquitrave e a coluna, por uma necessidade de estética social.
Onde outros podiam ver artigos de programa, intuitos partidários, revolução econômica, Joaquim Serra via uma retificação e um complemento; e, porque era bom e punha em tudo a sua alma inteira, pugnou pela correção da ordem pública, cheio daquela tenacidade silenciosa, se assim se pode dizer, de um escritor de todos os dias, intrépido e generoso, sem pavor e sem reproche.
Não importa, pois, que os destinos políticos de Joaquim Serra hajam desmentido dos seus méritos pessoais. A história destes últimos anos lhe dará um couto luminoso. Outrossim, recolherá mais de uma amostra daquele estilo tão dele, feito de simplicidade, e sagacidade, correntio, franco, fácil, jovial. sem afetação nem reticências. Não era o humour de Swift, que não sorri, sequer. Ao contrário, o nosso querido morto ria largamente, ria como Voltaire, com a mesma graça transparente e fina, e sem o fel de umas frases nem a vingança cruel de outras, que compõem a ironia do velho filósofo.

A MORTE DE FRANCISCO OTAVIANO

MORREU um homem. Homem pelo que sofreu; ele mesmo o definiu, em belos versos, quando disse que passar pela vida sem padecer, era ser apenas um espectro de homem, não era ser homem. Raros terão padecido mais; nenhum com resignação maior. Homem ainda pelo complexo de qualidades superiores de alma e de espírito, de sentimentos e de raciocínio, raros e fortes, tais que o aparelharam para a luta, que o fizeram artista e político, mestre da pena elegante e vibrante. Vous êtes un homme, monsieur Goethe, foi à saudação de Napoleão ao criador do Fausto. E o nosso Otaviano, que não trocara a alma pela juventude, como o herói alemão, mas que a trouxera sempre verde, a despeito da dor cruel que o roía, que não desaprendera na alegria boa e fecunda, nem a faculdade de amar de admirar e de crer, que adorava a pátria como a arte, o nosso Otaviano era deveras um homem. A melhor homenagem àquele egrégio espírito é a tristeza dos seus adversários.

SECRETARIA DA AGRICULTURA [11 setembro de 1890]

O SR. DR. JOÃO BRÍGID0 escreveu no Libertador do Ceará, de 20 do mês findo, um artigo, a que é mister dar alguma resposta. Não recebi a folha, mas várias pessoas a receberam, naturalmente o artigo marcado, como está no exemplar que um amigo me fez chegar às mãos. Este sistema não é novo, mas é útil; é o que se pode chamar uma carta anônima assinada.

Trata-se das minas da Viçosa. O Sr. João Brígido é advogado de Antônio Rodrigues Carneiro, que contende com o Barão de Ibiapaba. De duas petições deste há certidões, uma do Sr.Guimarães, meu respeitável antecessor, datada de 9 de janeiro de 1889, e outra minha, datada de 18 de maio. Pouco depois de expedida, escreveu-me o Sr. Dr. João Brígido, dizendo que a certidão de janeiro dava as duas petições assinadas pelo Sr. Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, como procurador, e a de maio pelo Dr. Artur de Alencar Araripe, filho daquele cidadão.

Concluía assim:
Uma das duas certidões, portanto, há de não ser verdadeira e dá-se o caso de ter sido induzido em erro, ou V. ou o Sr. Barão de Guimarães, pelo oficial que extraiu uma das duas certidões. Trazendo este fato ao conhecimento de V., cuja probidade folgo de reconhecer, peço-lhe a explicação que julgar razoável, e sendo preciso me obrigo a produzir os dous documentos que estão a se desmentirem.
Respondi que, tendo verificado nas petições aludidas que a assinatura era justamente a do Dr. Artur de Alencar Araripe, não podia suspeitar do oficial que extraiu a certidão; acrescentei que o empregado que extraíra a primeira já não estava na secretaria, e concluí que não podia adiantar mais nada.
Contentou-se o Sr. Dr. João Brígido com a resposta, tanto que, chegando do Ceará, para tratar da questão das minas, veio ter comigo e falou-me, não uma, nem duas, mas muitas vezes, e sempre o achei cortês e afável. Ouvi-lhe a história do litígio da Viçosa, sobre a qual me deu vários folhetos. Pediu-me umas certidões; e dizendo-lhe o Sr. Dr. Tomás Cochrane chefe da seção por onde corre a questão, que as certidões só podiam ser dadas depois que os papéis baixassem do gabinete do Sr. ministro, aceitou a resposta naturalmente, sem fazer nenhuma objeção, que seria escusada. Ao retirar-se para o Ceará, veio despedir-se, sem ressentimento, menos ainda indignação.
Eis aparece agora o artigo do Libertador, em que o Sr. Dr. João Brígido me acusa pela carta que lhe escrevi, há um ano, pela demora das certidões, diz que os créditos da secretaria desceram tanto, no regime anterior que muitos ministros saíram com reputação prejudicada; e, finalmente, escreve isto: que eu, ao passo que lhe guardava sigilo inviolável acerca das conclusões do meu parecer, não o guardava para o plutocrata, que, pelo vapor de 30 de junho ou outro, assegurara que o meu parecer era a seu favor.
Não sei o que assegurou o Sr. Barão de Ibiapaba, a quem só de vista conheço. Desde, porém, que eu afirmo que jamais confiei a ninguém, sobre nenhum negócio da secretaria, a minha opinião dada ou por dar nos papéis que examino — e desafio a que alguém me diga o contrário — creio responder suficientemente ao artigo do Sr Dr. João Brígido.
Plutocrata exprime bem a insinuação maliciosa do Sr. Dr. João Brígido; e o processo de Filipe de Macedônia, frase empregada no mesmo período, ainda melhor exprime o seu pensamento. Eu sou mais moderado; faço ao Sr. Dr. João Brígido a justiça de crer que em tudo o que escreveu contra mim não teve a menor convicção.

HENRIQUE CHAVES

HENRIQUE CHAVES é um desmentido a duas velhas superstições. Nasceu em dia 13 e sexta-feira. Não podia nascer pior e, entretanto, é um dos homens felizes deste mundo. Em vez de ruins fadas, em volta do berço, cantando-lhe o coro melancólico dos caiporas, desceram anjos do céu, que lhe anunciaram muitas coisas futuras. Para os que nunca viram Lisboa, e têm pena, como o poeta, Henrique Chaves é ainda um venturoso: nasceu nela. Enfim, conta apenas quarenta e quatro anos, feitos em janeiro último.
Um dia, tinha apenas vinte anos, transportou-se de Lisboa ao 1 de Janeiro. Para explicar esta viagem, é preciso remontar ao primeiro consulado de César. Este grande homem, assumindo aquela magistratura, teve idéia de fazer publicar os trabalhos do seriado romano. Não era ainda a taquigrafia; mas, com boa vontade, boa e muita podemos achar ali o gérmen deste invento moderno. A taquigrafia trouxe Henrique Chaves ao Rio de Janeiro. Foi essa arte mágica de pôr no papel, integralmente, as idéias e as falas de um orador que o fez atravessar o oceano, pelos anos de 1869.
Refiro-me à taquigrafia política. Ela o pôs em contacto com nossos parlamentares dos últimos vinte anos. Há de haver na vida do taquígrafo parlamentar uma boa parte anedótica, que merece só por si a pena de umas memórias. As emendas, bastam as emendas dos discursos, as posturas novas, o trabalho do toucador, as trunfas desfeitas e refeitas, com os grampos de erudição, ou os cabelos apenas alisados, basta só isso para caracterizar o modo de cada orador, e dar-nos perfis interessantes. Um velho taquígrafo conto me, quase com lágrimas, um caso mui particular. Passou-se há trinta anos. Um senador, orador medíocre, fizera um discurso mais que medíocre, trinta dias antes de acabar a sessão. Recebeu as notas taquigráficas no dia imediato, e só as restituiu três meses depois sessão acabada. O discurso vinha todo por letra dele, e não havia uma só palavra das proferidas; era outro e pior. Ajuntai a esta parte anedótica aquela outra de psicologia que deve ser a principal, com uma estatística das palavras, um estudo dos oradores cansativos, apesar de pausados, ou por isso mesmo, e dos que não cansam, posto que velozes.
Mas uma coisa é o ganha-pão, outra é a vocação. Henrique Chaves trazia nas veias o sangue do jornalismo. Tem a facilidade, a naturalidade, o gosto e o tato precisos a este ofício tão árduo e tão

duro. Pega de um assunto, o primeiro à mão, o preciso, o do dia e compõe o artigo com aquela presteza e lucidez que a folha diária exige, e com a nota própria da ocasião. Não lhe peçam longos períodos de exposição, nem deduções complicadas. Cai logo in medias res, como a regra clássica dos poemas. As primeiras palavras parecem uma conversação. O leitor acaba supondo ter feito um monólogo.
Não esqueçamos que o seu temperamento é o da própria folha em que escreve, a Gazeta de Notícias, que trouxe ao jornalismo desta cidade outra nota e diversa feição. Vinte anos antes de encetar a car-reira, não sei se o faria, — ao menos, com igual amor. A imprensa de há trinta anos não tinha este movimento vertiginoso. A notícia era como a rima de Boileau, une esclave et ne doit qu'obéir. Teve o seu Treze de Maio, e passou da posição subalterna à sala de recepção.

Os quarenta e quatro anos de Henrique Chaves podem subir a sessenta e seis; nunca passarão dos vinte e dous. Não falo por causa de ilusões; ninguém lhas peça, que é o mesmo que pedir um santo ao diabo. Uma das feições do seu espírito é a incredulidade a res-peito de um sem-número de coisas que se impõem pela aparência. Outra das feições é a alegria; ele ri bem e largo, comunicativamente. A conversação é viva é lépida. Considerai que ele é o avesso do medalhão. Considerai também que é difícil saber aturar uma narração enfadonha com mais fina arte. Não se impacienta, não suspira, puxa o bigode; o narrador cuida que é um sinal de atenção, e ele pensa em outra coisa.

HENRIQUE LOMBAERTS

DURANTE MUITOS anos entretive com Henrique Lombaerts as mais amistosas relações. Era um homem bom, e bastava isso para fazer sentir a perda dele; mas era também um chefe cabal da casa herdada de seu pai e continuada por ele com tanto zelo e esforço. Posto que enfermo, nunca deixou de ser o mesmo homem de trabalho. Tinha amor ao estabelecimento que achou fundado, fez prosperar e transmitiu ao seu digno amigo e parente, atual chefe. A Estação e outras publicações acharam nele editor esclarecido e pontual. Era desinteressado, em prejuízo dos negócios a cuja frente esteve até o último dia útil da sua atividade.

Não é demais dizer que foi um exemplo a vida deste homem, um exemplo especial, por que no esforço continuado e eficaz, ao trabalho de todos os dias e de todas as horas não juntou o ruído exterior. Relativamente expirou obscuro; o tempo que lhe sobrava da direção da casa era dado à esposa, e, quando perdeu a esposa, às suas recordações de viúvo.

FERREIRA DE ARAÚJO [RJ, 20 setembro 1900.]

MEU CARO HENRIQUE.- Esqueçamos a morte do nosso amigo. Nem sempre haverá tamanho contraste entre a vida e a morte de alguém. Araújo tinha direito de falecer entre uma linha grave e outra jovial, como indo a passeio risonho e feliz. A sorte determinou outra cousa.
Quem o via por aquelas noitadas de estudante, e o acompanhou de perto ou de longe, na vida de escritor, de cidadão e de pai de família, sabe que não se perdeu nele somente um jornalista emérito e um diretor seguro; perdeu-se também a perpétua alegria. Ninguém desliga dele essa feição característica. Ninguém esqueceu as boas horas que ele fazia viver ao pé de si. Nenhum melancólico praticou com ele que não sentisse de empréstimo outro temperamento. Vimo-lo debater os negócios públicos, expor e analisar os problemas do dia, com a gravidade e a ponderação que eles impunham, mas o riso vinha prestes retomar o lugar que era seu, e o bom humor expelia a cólera e a indignação deste mundo.
Tal era o condão daquela mocidade. A madureza não alterou a alegria dos anos verdes. Na velhice ela seria como a planta que se agarra ao muro antigo. E por que esta virtude é ordinariamente gêmea da bondade, o nosso amigo era bom. Se teve desgostos , - e devias tê-los porque era sensível, - esqueceu-os depressa. O ressentimento era-lhe insuportável. Era desses espíritos feitos para a hora presente, que não padecem das ânsias do futuro, e escassamente terão saudades terão saudades do passado; bastam-se a si mesmos, na mesma hora que vai passando, viva e garrida, cheia de promessas eternas.
Mal se compreende que uma vida assim acabasse tão longa e doloridamente; mas, refletindo melhor, não podia ser de outra maneira. A inimizade entre a vida e a morte tem gradações; não

admira que uma seja feroz na proporção da lepidez da outra. É o modo de balancear as duas colunas da escrita.
Agora que ele se foi, podemos avaliar bem as qual homem. Esse polemista não deixou um inimigo. Pronto, fácil, franco, não poupando a verdade, não infringindo a cortesia, liberal sem partido, patriota sem confissão, atento aos fatos e aos homens, cumpriu o seu ofício com pontualidade, largueza de ânimo e aquele estilo vivo e conversado que era o encanto dos seus escritos. As letras foram os primeiros ensaios de uma pena que nunca as esqueceu inteiramente. O teatro foi a sua primeira sedução de autor.
Vindo à imprensa diária, não cedeu ao acaso, mas à própria inclinação do talento. Quando fundou esta folha, começou alguma cousa que, trazendo vida nova ao jornalismo, ia também com o seu espírito vivaz e saltitante, de vária feição, curioso e original. Já está dito redito o efeito prodigioso desta folha, desde que apareceu; podia ser a novidade, mas foram também a direção e o movimento que ele lhe imprimiu.
Nem se contentou de si e dos companheiros da primeira hora. Foi chamando a todos os que podiam construir alguma cousa, os nomes feitos e as vocações novas. Bastava falar a língua do espírito para vir a esta assembléia, ocupar um lugar e discretear com os outros. A condição era ter o alento da vida e a nota do interesse. Que poetasse, que contasse, que dissesse do passado, do presente ou do futuro, da política ou da literatura, da ciência ou das artes, que maldissesse também, contanto que dissesse bem ou com bom humor, a todos aceitava e buscava, para tornar a Gazeta um centro comum de atividade.
A todos esses operários bastava fazê-los companheiros, mas era difícil viver com Araújo sem acabar amigo dele, nem ele consigo que se não fizesse amigo de todos. A Gazeta ficou sendo assim uma comunhão em que o dissentimento de idéias, quando algum houvesse, não atacaria o coração, que era um para todos.
Tu que eras dos seus mais íntimos, meu caro Henrique Chaves, dirás se o nosso amigo não foi sempre isso mesmo. Quanto à admiração e afeição públicas, já todas as vozes idôneas proclamaram o grau em que ele as possuiu, sem quebra de tempo, nem reserva de pessoa. O enterramento foi uma aclamação muda, triste e unânime. As exéquias de amanhã dir-lhe-ão o último adeus da terra e da sua terra.

MACHADO DE ASSIS

A PAIXÃO DE JESUS

QUEM RELÊ neste dia os evangelistas, por mais que os traga no coração ou de memória, acha uma comoção nova na tragédia do Calvário. A tragédia é velha; os lances que a compõem passaram, desde a prisão de Jesus até a condenação judaica e a sanção romana; as horas daquele dia acabaram com a noite de sexta-feira, mas a comoção fica sempre nova; por mais que os séculos se tenham acumulado sobre tais livros. A causa, independente da fé que acende o coração dos homens, bem se pode dizer de duas ordens.

Não é preciso falar de uma. A história daqueles que, pelos tempos adiante, vieram confessando a Jesus, padecendo e morrendo por Ele, e o grande espírito soprado do Evangelho ao mundo antigo, a força da doutrina, a fortaleza da crença, a extensão dos sacrifícios, a obra dos místicos, tudo se acumula naturalmente diante dos olhos, como efeito daquelas páginas primitivas. Não menos surge à vista o furor dos que combateram, pelos séculos fora, as máximas cristãs ouvidas, escritas e guardadas, alguma vez esquecidas, outras desentendidas, mas acabando sempre por animar as gerações fiéis. Tudo isso, porém, que será a história ulterior, é neste dia dominado pela simples narração evangélica.

A narração basta. Já lá vai a entrada de Jesus em Jerusalém escolhida para o drama da paixão. A carreira estava acabada. Os ensinamentos do jovem profeta corriam as cidades e as aldeias, e todos se podiam dizer compendiados naquele sermão da montanha, que, por palavras simples e chãs, exprimia uma doutrina moral nova, a humildade e a resignação, o perdão das injúrias, o amor dos inimigos, a prece pelo que calunia e persegue, a esmola às escondidas, a oração secreta. Nessa prédica da montanha a lei e os profetas são confessados, mas a reforma é proclamada aos ventos da terra. Nela está a promessa do benefício aos que padecem, a consolação aos que choram, a justiça aos que dela tiverem fome e sede. Jerusalém destina-se a vê-lo morrer. Foi logo à entrada, quando gente do povo correu a receber Jesus, juncando o chão de palmas e ramos e aclamando o nome daquele que lhe vinha trazer a boa-nova, foi desde logo que os escribas e fariseus cuidaram de lhe dar perseguição e morte, não o fazendo sem demora, por medo do

povo que recebia Jesus com hosanas de amor e de alegria. Jesus reatou então os seus atos e parábolas, mostrando o que era e o que trazia no coração. Os fariseus viram que ele expelia do templo os que lá vendiam e compravam, e ouviram que pregava no templo ou fora dele a doutrina com que vinha extirpar os pecados da terra. Alguma vez as imprecações que lhe saiam da boca, eram contra eles próprios: "Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque devorais as casas das viúvas, fazendo longas orações ... " - Ai de vós, escribas e fariseus, porque alimpais o que está por fora do copo e do prato, e por dentro estais cheios de rapinas e de imundícies ... " - Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, por que rodeais o mar e a terra por fazerdes um prosélito e depois de o terdes feito, o fazeis em dobro mais digno do inferno do que vós". Era assim que bradava contra os que já dali tinham saído alguma vez, a outras partes, a fim de o enganar e enlear e ouviram que ele os penetrava e respondia com o que era acertado e cabido. As imprecações seguiram assim muitas e ásperas, mas de envolta com elas a alma boa e pura de Jesus voltava àquela doce e familiar metáfora contra a cidade de Jerusalém: "Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes quis eu ajuntar teus filhos, do modo que uma galinha recolhe debaixo das asas os seus pintos, e tu não o quiseste!"

A diferença que vai desta fala grave e dura àquele sermão da montanha, em que Jesus incluiu a primeira e ingênua oração da futura igreja, claramente mostra o desespero do jovem profeta de Nazaré. Não havia esperar de homens que a tal ponto abusavam do templo e da lei, e, em nome de ambos, afivelavam a máscara de piedade para atrair os que buscavam as doutrinas antigas de Israel. Sabendo que tinha de morrer às mãos deles, não lhes quis certamente negar o perdão que viessem a merecer, mas condenar neles a obra da iniqüidade e da perdição. Todo o mal recente de Israel estava nos que se davam falsamente por defensores do bem antigo.

A comoção nova que achamos na narração evangélica abrange o espaço contado da ceia à morte de Jesus. Judeus futuros, ainda de hoje, ao passo que negam a culpa da sua raça, confessam não poder ler sem mágoa essa página sombria. Em verdade, a melancolia do drama é grande, não menor que a do próprio Cristo, quando declara ter a alma mortalmente triste. Era já depois da ceia, naquele

horto de Gethsemani, a sós com Pedro e mais dous, enquanto outros discípulos dormiam, foi ali que ele confessou aquela profunda aflição. Tinha já predito a proximidade da morte. A aversão dos escribas e fariseus, indo a crescer com o poder moral do Nazareno,

punha em ação o desejo de o levar ao julgamento e ao suplício cumprir assim o prenúncio do jovem Mestre. Tudo foi realizado: a noite não acabou sem que, pela traição de Iscariotes, Jesus levado à casa de Anás e Caifás e, pela negação de Pedro , se visse abandonado dos seus amigos. Ele predissera os dois atos, que um pagou pelo suicídio e o outro pelas lágrimas do arrependimento.
Talvez ambos pudessem ser dispensados, não menos o primeiro que o segundo, por mais que o grupo dos discípulos escondesse o Mestre aos olhos dos inimigos. Se assim fosse, o suplício seria igualmente certo, mas a tragédia divina não teria aquela nota humana nem tudo é lealdade, nem tudo é resistência na mesma família.
A parte humana nasceu ainda, não já naqueles que deviam amor a Jesus, se não nos que o perseguiam; tal foi esse processo de poucas horas. Jesus ouviu o interrogatório dos seus atos religiosos e políticos. Era acusado de querer destruir a lei de Moisés e não aceitar a dominação romana fazendo-se Rei dos Judeus. "Mestre, devemos pagar o imposto a César? ", Tinham-lhe perguntado antes para arrastá-lo a alguma palavra de rebelião. A resposta (uma de tantas palavras que passaram daqueles livros às línguas dos homens) foi que era preciso dar a César o que era de César e a Deus o que era de Deus. Caifás e o Conselho acabaram pela condenação; para o crime político e para a pena de morte era preciso Pilatos. Segundo o sacerdote da lei, era preciso que um homem morresse pelo povo.
Pilatos foi ainda a nota humana, e acaso mais humana que todas. Esse magistrado romano, que, depois de interrogar a Cristo, não lhe acha delito nenhum, que, ainda querendo salvá-lo da morte, pensa em soltá-lo pelo direito que lhe cabia em tal ocasião, mas consulta ao povo, e ouve deste que solte Barrabás, e condene a Jesus; que obedece ao clamor público, e faz a única ressalva de lavar as mãos inocentes de tal sangue: esse homem não finge sequer a convicção. A consciência brada contra o crime que lhe querem impor, mas a fraqueza cede aos que lho pedem, e entrega o acusado à morte.
A morte, fecho da Paixão, termo de uma vida breve e cheia, foi cercada de todos os elementos que a podiam fazer mais trágica. O riso deu as mãos à ferocidade, e o açoite alternou com a coroa de espinhos. Fizeram do profeta um rei de praça, com a púrpura aos ombros e a vara na mão. Vieram injúrias por atos e palavras, agravação do suplício dado entre dois ladrões; mais ainda nos falta alguma cousa para completar a parte humana daquela cena última.
As mulheres vieram rodear o instrumento do suplício. Com outro ânimo que faltou alguma vez aos homens, elas trouxeram a consolação e a paciência aos pés do crucificado. Nenhum egoísmo

as conservou longe, nenhum tremor as fez estremecer de susto. A piedade era como alma nova incutida naqueles corpos feitos para ela. Com os olhos nos derradeiros lampejos de vida, que estavam a sair daquele corpo, aguardavam que este fosse amortalhado e sepultado Para lhe darem os bálsamos e os aromas.
Tal foi a última nota humana, docemente humana, que completou drama da estreita Jerusalém. Ela, e o mais que se passou entre a noite de um dia e a tarde de outro completaram o prefácio dos tempos. A doutrina produzirá os seus efeitos, a história será deduzida de uma lei, superior ao conselho dos homens. Quando nada houvesse ou nenhuma fosse, a simples crise da Paixão era de sobra para dar uma comoção nova aos que lêem neste dia os evangelistas.

****

Sobre o autor e sua obra

JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS nasceu no Rio de Janeiro, a 21 de junho de 1839 e faleceu na mesma cidade, em 29 de setembro de 1908. Filho de mulato, brasileiro, e de branca, portuguesa; era gago, epiléptico, pobre, é por causa disto não pôde estudar em escolas e tornou-se um grande autodidata.

Colaborou na revista "Marmota Fluminense", foi aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, onde conheceu seu protetor, Manuel Antonio de Almeida; foi revisor de provas na Editora Paula Brito e no "Correio Mercantil" e colaborador em vários jornais e revistas da época.

Na imprensa publicou vários contos, crônicas, folhetins, artigos de crítica, muitos dos quais assinados com pseudônimos: Platão, Gil, Lara, Dr. Semana, Job, M.A., Max Manassés e outros.

Casou-se em 1869 com D. Carolina Novais, que veio dar mais inspiração à sua vida literária. Em 1904, quando D. Carolina morreu, ainda inspirou o mais belo soneto de sua producão: "A Carolina", publicado no livro "Relíquias de Casa Velha":

"Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração de companheiro.
"Pulsa-lhe- aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.
"Trago-te flores, - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.
"Que eu, se tenho nos olhos malferidos

Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vívidos".

Foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, em 1897.

Poesias: "Crisálidas", (1864); "Falenas", "Americanas".

Romances: "Ressurreição", "A Mão e a Luva", "Helena", "Iaiá Garcia".

Contos: "Contos Fluminenses", "Histórias da Meia Noite", (1869).

Teatro: "Desencantos", "0 Caminho da Porta", "0 Protocolo", "Quase Ministro", "Os Deuses de Casaca". Crônicas e Críticas. Fase Realista (de 1881 a 1908)

Poesias: "Ocidentais".

Romances: "Memórias Póstumas de Brás Cubas", "Quincas Borba", "Dom Casmurro", "Esaú e Jacó", "Memorial de Aires". Contos: "Papéis Avulsos", "Histórias sem Data", "Várias Histórias", "Páginas Recolhidas", "Relíquias de Casa Velha".

Teatro: "Tu, só Tu, Puro Amor" "Não Consultes Médico", "Lição de Botânica", crônicas e críticas.

Machado de Assis é de estilo clássico e sóbrio, com frases curtas e bem construídas, vocabulário muito rico e construções sintáticas perfeitas. Sua obra é de análise de caracteres e seus tipos são inesquecíveis e verdadeiros. Em toda sua obra há uma preocupação pelo adultério, tentado ou consumado, e muito de filosofia: a filosofia do humanitismo, que é explicada no seu romance "Quincas Borba". Sua técnica de composição no romance é muito importante para a compreensão da obra: não há homogeneidade na extensão dos capítulos: ora curtos, ora longos, não existe normalmente a seqüência linear, isto é, muitas vezes um capítulo não tem um final de ação, que irá continuar não no imediatamente seguinte, mas em outro um pouco distante. Esta técnica procura prender a atenção do leitor até o fim do livro, o que realmente consegue.

Sem dúvida, trata-se do mais alto escritor brasileiro de todos os tempos, o primeiro escritor universal de nossa Literatura. De uns tempos para cá, sua obra vem sendo objeto de estudos em profundidade, sob ângulos vários, constituindo-se no maior acervo bio-bibliográfico que jamais suscitou um escritor nacional. Sobretudo, cumpre destacar-se, como a mais importante de sua obra, a parte de ficção - seus contos, verdadeiras obras-primas - e os romances a partir da fase que se Iniciou com as "Memórias Póstumas de Brás Cubas".

Machado de Assis não se filia a qualquer coisa, dando apenas vazão ao seu próprio sentimento de homem introspectivo. É possuidor de um estilo simples, sem nenhum artificialismo. A concisão é uma de suas mais eloqüentes características. Cuidou, em suas obras, mais do homem do que da paisagem. Não foi grande poeta. Inicialmente passou pelo romantismo e depois mostrou-se parnasiano. Para Machado de Assis o homem é egoísta, impassível diante da felicidade ou infelicidade do seu semelhante. 0 sofrimento é inerente à própria condição humana. 0 homem sonha com a felicidade, sem suspeitar que tudo é Ilusão. Machado aconselha então a solidão, o Isolamento, por não crer no solidarismo humano.

No teatro Machado de Assis se revela como tradutor, critico e comediógrafo. Como critico procurava exaltar os valores morais. Para ele, "a arte pode aberrar das condições atuais da sociedade para perder-se no mundo labiríntico das abstrações. 0 teatro é para o povo o que o Coro era para o antigo povo grego: uma iniciativa de moral e civilização."

E ainda foi além. Ressuscitando uma antiqualha dos Séculos XVII; inovou o soneto, dando-lhe a forma contínua do (Círculo Vicioso). Outra inovação: a alternância do octossílabo com o tetrassílabo, de que se utilizou nos versos a Artur de Oliveira. Combinado o octossílabo com o doclecassílabo, criou ainda o ritmo dos agrupamentos da Mosca Azul. E deu em 1885 uma incomparável lição de poesia quando, na ocasião comemorativa do centenário do Marquês de Pombal, publicou, sob o título de A Suprema Injúria, uma série de quatorze sonetos, onde não há dois iguais na sua forma.

Machado de Assis foi ainda um técnico do verso, o admirável tradutor de a primeira fase machadiana. 0 terceiro romance, Helena, jovem confrade, e escreve poesia, a quem devemos pelo o que seria diferente da já representa uma evolução. Vai eclodir com as Memórias Póstumas de Brás Cubas.

No romance como na poesia, Machado de Assis ressente-se de influencia romântica nas primeiras obras: Ressurreição (1872), A Mão e a Luva (1875), Helena (1876) e Iaiá Garcia (1878). É toda romântica a concepção dos personagens e do entrecho; revela-se a personalidade do autor na preocupação mais acentuada do estudo dos caracteres. Mas as situações que arma, para os revelar, e a própria compreensão que deles tem, tudo trai a visão romântica, ainda que mitigada pela analise psicológica.

De Ressurreição, em que a narração e linear, a língua pobre, os caracteres de linhas definidas, a Iaiá Garcia, onde a narrativa é dotada de maior penetração, a língua se precisa e os caracteres já se mostram mais

complexos, o progresso é significativo. 0 mais romanesco dos três é Helena, a confinar por vezes com a inverossimilhança.

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Brás Cubas, já falecido, conta, do outro mundo, as suas memórias: "Expirei em 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos". Galhofando dos ascendentes, fala da própria genealogia. Assevera que morreu de pneumonia apanhada quando trabalhava num invento farmacêutico, um emplastro medicamentoso.

Virgília, sua ex-amante, que já não via há alguns anos, visitou-o nos últimos dias de vida. Narra Brás Cubas um delírio que teve durante a agonia: montado num hipopótomo foi arrebatado por unia extensa e gelada planície, até o alto de uma montanha, de onde divisa a sucessão dos séculos. Além dos pais, tiveram grande influência na educação do pequeno Brás Cubas três pessoas: tio João, homem de língua solta e vida galante; tio Ildefonso, cônego, piedoso e severo; Dona Emerenciana, tia materna, que viveu pouco tempo. Brás passou uma infância de menino traquinas, mimado demasiadamente pelo pai.

Aos dezessete anos apaixona-se por Marcela, dama espanhola, com quem teve as primeiras experiências amorosas. Para agradar Marcela, Brás começa a gastar demais, assumindo compromissos graves e endividando-se. Marcela gostava de jóias e Brás procurava fazer-lhe todos os gostos. "Marcela amou-me, diz Brás Cubas, durante quinze meses e onze contos de réis". Quando o pai tomou conhecimento dos esbanjamentos do filho, mandou-o para a Europa: "vais cursar uma Universidade", justificou. Em Coimbra, Brás segue o curso jurídico e bacharela-se. Depois, atendendo a um chamado do pai, volta ao Rio: a mãe estava moribunda. E, de fato, apenas chega ao Brasil, a mãe falece. Passando uns dias na Tijuca, conhece Eugênia, moça bonita, mas com um defeito na perna que a fazia coxear um pouco, com ela mantém um passageiro romance.

O pai de Brás tem duas, ambições para o filho: quer casá-lo e faze-lo deputado. Tudo faz para encaminhá-lo no rumo do casamento e procura aumentar o circulo de amigos influentes na política, a fim de preparar o caminho para o futuro deputado. Assim é que Brás Cubas é apresentado ao Conselheiro Dutra que promete ajudar ao jovem bacharel na pretendida ascensão política.

Brás nesta altura vem a conhecer Virgília, filha do Conselheiro Dutra, pela qual se apaixona. Parecia, com isso, que os sonhos do pai sobre Brás estavam prestes a realizar-se: bem encaminhado na política e quase noivo. Entretanto aconteceu um imprevisto: surge Lobo Neves que não

somente lhe rouba a namorada, mas também cai nas boas graças do Conselheiro Dutra.

Vendo assim preterido o filho, o pai de Brás sente-se profundamente desapontado e magoado. Veio a falecer dali a alguns meses, de um desastre. Virgília casa-se com Lobo Neves e, pouco tempo depois, vê eleito Deputado o marido. Mas, na verdade, Virgília casara-se com Lobo Neves por interesse, e ama realmente a Brás Cubas. Virgília e Brás principiam a encontrar-se com freqüência e, em breve, tornam-se amantes. Lobo Neves adorava a esposa e nela confiava inteiramente. Aliás não tinha muito tempo para observar o que se passava, já que estava entregue totalmente à política.

Narra nesta altura Brás Cubas o encontro que teve com seu ex-colega de escola primária, Quincas Borba, que se tornara um infeliz mendigo de rua. Depois do encontro com Quincas, Brás percebe que o maltrapilho lhe roubara o relógio. Os encontros amorosos entre Virgília e Brás suscitam comentários e mexericos dos vizinhos, amigos e conhecidos. Por esse motivo, Brás propõe a Virgília a fuga para um lugar distante. Virgília, porém, pensa no marido que a ama e na família, e sugere "uma casinha só nossa", metida num jardim, em alguma rua escondida. A idéia parece boa a Brás, que sai remoendo a proposta: "uma casinha solitária, em alguma rua escura". Virgília e sua ex-empregada, chamada Dona Plácida, se encarregam de adornar a casa e, aparentemente, quem ali reside é Dona Plácida. Ali os dois amantes se encontram sem maiores embaraços, e sem despertarem suspeitas. Sucedeu que, de certa feita, por motivos políticos, Lobo Neves foi designado como presidente de uma província e, dessa forma, teria de afastar-se com a mulher. Brás fica desesperado e pede a Virgília que não o abandone.

Quando tudo parece sem solução, eis que surge Lobo Neves e, para agradar ao amigo da família, convida-o para acompanhá-lo como secretário. Brás aceita. Os mexericos se tornam mais intensos e Cotrim casado com Sabina, procura fazer ver ao cunhado que a viagem seria uma aventura perigosa. Mais por superstição do que pelos conselhos de Cotrim, Lobo Neves acaba não aceitando mais o cargo de presidente, porque o decreto de nomeação saíra publicado no Diário oficial num dia 13: Lobo Neves tinha pavor pelo número, um número fatídico. Lobo Neves recebe uma carta anônima denunciando os amores da esposa com o amigo. Isso faz com que os dois amantes se mostrem mais reservados, embora continuem encontrando-se na Gamboa (onde fica a casa de Dona Plácida).

Surge então um acontecimento que vem alterar a situação os personagens: Lobo neves é novamente nomeado presidente e, desta vez, parte para o interior do país levando consigo a esposa. Brás procura distrair-se e esquecer a separação.

A irmã Sabina, que vinha procurando "arranjar" um casamento para Brás, volta a insistir em seu objetivo. A candidata, uma moça prendada, chamava-se Nhá-loló. Mesmo sem entusiasmo, Brás aparenta interesse pela pretendente, mas Nhá-loló vem a falecer durante urna epidemia. o tempo vai passando.

Mais por distração do que por idealismo, Brás procura um derivativo de suas decepções amorosas na política. Faz-se deputado e, na assembléia, vem a encontrar-se com Lobo Neves que havia voltado da província. Encontra-se também com Virgília, que não tinha já aquela beleza antiga que o havia atraído anteriormente. Assim, por desinteresse reciproco, chegam ao fim os amores de Brás e Virgília. Quincas Borba, o mendigo, reaparece e lhe restitui o relógio, passando a ser um freqüentador da casa de Brás.

Quincas Borba estava mudado: não era mais mendigo, recebera uma herança de um tio em Barbacena. Virara filósofo: havia inventado urna nova teoria filosófico-religiosa, o Humanitismo, e não falava noutra coisa. 0 próprio Brás Cubas passa a interessar-se muito pelas teorias de Quincas Borba. Morre, por esse tempo, o Lobo Neves, e Virgilia "chorou com sinceridade o marido, como o havia traído com sinceridade". Também vem a falecer Quincas, Borba, que havia enlouquecido completamente. Brás Cubas deixou este mundo pouco depois de Quincas Borba, por causa de urna moléstia que apanhara quando tratava de um invento seu, denominado " emplasto Brás Cubas".

E o livro conclui:

"*Imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria*".

Fato narrativo em primeira pessoa; posição trans-temporal, a narrativa acompanha os vaivéns da memória do narrador defunto.

Quebra da unidade estrutural da narrativa: - forma livre, estrutura fragmentada, ausência de um fio lógico e ausência de um conflito central.

Drama da irremediável tolice humana. Brás Cubas tudo tentou e nada deixou. A vida moral e afetiva é superada pela biologicamente satisfeita. Acomodação cínica ao erro, ou melhor, a justificação moral interior racionalizada. Pessimismo (influência de Sterne, Schopenhauer, Darwin e Voltaire).

Segundo o Professor Alfredo Bosi :

"Memórias Póstumas de Brás Cubas" opera um salto qualitativo na Literatura Brasileira. "A revolução dessa obra, que parece cavar um poço entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo o cerne do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, Machado deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. 0 que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto e desfrutador Brás Cubas.

Quincas Borba

Quincas Borba é um filósofo-doido. Mais na segunda que na primeira parte. Criou uma filosofia: Humanitas. "Humanitas" é o princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível... Pois essa substância, esse principio indestrutível é que é Humanitas... " Uma guerra: duas tribos que se encontram, frente a frente, perto de uma plantação de batatas que só darão para sustentar uma delas. É a luta pelas batatas. Pela sobrevivência. A tribo que vence, ganha as batatas. "Ao vencedor, as batatas". Filosofia e sandice condimentam as lições de Quincas Borba.

0 filósofo tinha um cão: Quincas Borba. Pusera nele o seu próprio nome. Afinal Humanitas era comum para ele e para o cão. E não só: se morresse antes sobreviveria o oâo. Um cão, meio tamanho, cor de chumbo, malhado de preto. Um filósofo assim tinha que acabar em... Barbacena. AI conheceu a Piedade, viúva de parcos meios, Era irmã de Rubião. Não se casou com o herdeiro. Rubião foi o melhor amigo e enfermeiro do filósofo.

Quando Quincas Borba morreu, numa incurável semidemência, na casa de Brás Cubas, no Rio, Rubião ficou rico, herdeiro universal do falecido filósofo. Herdeiro de tudo. Depois em breve pendência recebeu: casa na Corte, uma em Barcelona, escravos, ações no Banco do Brasil e muitas outras, jóias, dinheiro, livros, a filosofia do morto e o seu cão Quincas Borba. A cláusula única do testamento era tratar bem o cão.

0 novo-rico muda-se para a Corte. Fica conhecendo o casal Palha e Sofia. E o pobre mestre-escola fica apaixonado por ela. Que olhos, que ombros, que braços!... Vinte e seis anos... Cada aniversário era um novo polimento dado pelo tempo. É bonita, sabe que é, e sabe mostrar-se. 0 marido gostava de mostrá-la a todos: vejam o que são as minhas e de se mostrar . E Sofia aprendeu logo e bem a arte se mostrar. Sofia seduz Rubião. Engana-o... Busca o dinheiro. Ganha presentes riquíssimos. O marido funda até a sociedade Palha e Cia.

É o dinheiro de Rubião que vai correndo. Muito depressa. A Sofia tem lá os seus desejos escondidos para com o galanteador Carlos Maria, Pobre Rubião! 0 dinheiro acabando, os amigos vão minguando, e a loucura vai chegando. Rubião passa pelas ruas aos gritos dos moleques (0 gira, ó gira...) certo que é Napoleão III . Metem-no num Sanatório. Rubião foge do sanatório do Rio e vai para Barbacena. Lá morre. E três dias depois encontraram o cão Quincas Borba, também morto, numa rua.

É o fim? Leitor: "eia, chora os dois recentes, se tens lágrimas.Se so tens risos, ri-te. É a mesma coisa. É outra crônica de fraquezas e misérias morais, concluída com uma filosofia desencantada, a filosofia do Humanitas: "Ao vencedoras batatas"... Uma súbita fortuna, uma paixão adúltera, ambições políticas acabam levando Rubião à loucura. Ele, que antes era um humilde mestre-escola, ingênuo e puro, envolve-se em um novo mundo, violento e agressivo. A fraqueza o destrói.

Narrado em 3a Pessoa. É o mais objetivo dos Romances de Machado. Análise psicológica de um homem Pobre que subitamente fica rico e a fortuna arrasta-o à loucura. E só a loucura salva Rubião do destino vulgar de vaidoso rico, explorado pelos que o cercam.

O Humanitismo:

"Ao vencedor, as batatas", pode ser interpretado como uma paródia irônica ao positivismo e evolucionismo. Posições filosóficas dominantes na segunda metade do século XIX-. É uma caricatura do princípio da evolução e da seleção natural que, na época, saíam do campo da biologia para impregnar a filosofia.

DOM CASMURRO

A própria personagem central, Bentinho, é que conta a sua história. Pincipia dizendo que está morando, sozinho, auxiliado por um criado, no Engenho Novo (Rio de Janeiro), em uma casa que ele mandara construir igual àquela em que passara a infância, em Matacavalos. Como vive isolado, os vizinhos apelidaram de Dom Casmurro, apelido que pegara. A história principia quando Bentinho já está com quinze anos e sua amiga de infância, Capitu, com quatorze.

Os dois crescem juntos e se estimam sinceramente. Dona Glória, mãe de Bentinho, viúva, tendo sido infeliz no primeiro parto, fizera a Deus uma promessa, se fosse bem sucedida no segundo parto, o filho seria religioso (padre ou freira, conforme o sexo) – Por isso, estava disposta a cumprir a promessa: Bentinho iria para o seminário.

À medida que o tempo passa e que a amizade de Bentinho e Capitu se transforma em namoro sério e apaixonado, a idéia do seminário vai-se tornando um grave problema para os dois, que buscam todas as maneiras de evitá-lo. Justina, prima de Dona Glória, que vivia em Casa desta, e a quem Bentinho suplica que interceda com a mãe em seu favor, se nega. José Dias, velho empregado da casa, muito estimado, diz que o problema não é fácil, pois o melhor é, antes, "aplainar o caminho". 0 próprio Bentinho, de índole tímida, tenta falar com a mãe, mas nem sequer consegue dizer-lhe o que quer. Capitu, e Bentinho perdem as esperanças de evitar o seminário. De qualquer modo, amando-se sinceramente, juram que, aconteça o que acontecer, se casarão. Bentinho irá para o seminário, mas ficará apenas algum tempo. Depois sairá e serão felizes.

No seminário, Bentinho trava conhecimento com Escobar, que se toma seu amigo e confidente. A vida agora transcorre entre os estudos eclesiásticos e as visitas semanais à sua casa. Escobar em conversa com bentinho, tem uma idéia: Dona Glória, rica que é, poderia cumprir a promessa de outro modo, isto é, custeando as despesas de um seminarista pobre, ficando Bentinho livre do seminário. A idéia vinga e Bentinho retoma à casa. Anos depois, já formado em Direito, casa-se com Capitu e começam uma vida repleta de felicidades. E essa felicidade ainda se torna maior quando Escobar, que também saíra do seminário, casa-se com Sancha, amiga de Capitu.

As duas famílias visitam-se freqüentemente. Escobar e Sancha têm uma filha, à qual dão o nome de Capitolina (Capitu). A única tristeza (se é que se pode chamar tristeza) é não terem, Bentinho e Capitu, um filho. Por isso, fazem promessas e rezam continuamente. E o filho vem: um menino, a alegria dos pais. Chama-se Ezequiel. Escobar vem morar mais próximo de Bentinho e Capitu. Certo dia, Escobar se aventura nadando pelo mar agitado e morre afogado. Sancha retira-se para o Paraná, onde possuía parentes.

E a vida continua, feliz. Só uma coisa principia a preocupar cada vez mais seriamente a Bentinho: Ezequiel, à medida que vai crescendo, vai-se tornando uni retrato vivo do falecido amigo. Os mesmos traços, o mesmo cabelo, os mesmos olhos, o mesmo andar, até os mesmos tiques. A dúvida atormenta Bentinho, e uma infinidade de pequenas coisas que no passado haviam passado despercebidas começam a avolumar-se confirmando as suspeitas: Capitu o traíra. Um dia explode com Capitu, que não consegue encontrar meios de escusar-se. Pelo contrário, suas desculpas confirmam definitivamente a culpa. Bentinho leva a esposa adúltera? E o filho de Escobar para a Suíça, onde deles se separa. Tempos depois Capitu vem a falecer. Ezequiel, já moço, surge em casa de Bentinho: tornara-se a cópia do pai. Ezequiel não pára no Brasil e, participando de uma excursão no Oriente, também morre.

É o término do livro. Conclui Machado de Assis: "A minha primeira amiga e o meu melhor amigo, tão extremosos ambos e tão queridos, também quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me. A terra lhes seja leve"!

Narrado na primeira pessoa, Bentinho (D. Casmurro), propõe-se a "ATAR AS DUAS PONTAS DA VIDA". Ao evocar o passado, a personagem – narrador coloca-se num ângulo neutro de visão. Dessa maneira, pode repassar, sem contaminá-los, episódios e situações, atitudes e reações, acompanhadas apenas da carga emocional correspondente ao impacto do momento da ocorrência. Simultaneamente, opõe a esse ângulo de reconstituição do passado o ângulo do próprio momento da evocação, marcado pelo desmoronamento da ilusão de sua felicidade. Dessa forma temos uma dupla visão da experiência, reconstituída em termos de exposição e de análise. A visão esfumaçada do adultério é um dos requintes do "Bruxo do Cosme Velho" (Machado). Parece inspirado no drama de Otelo, de Shakespeare.

CAPITU: "olhos de ressaca", "cigana oblíqua e dissimulada" é a mais forte criação de Machado. Com inalterada frieza e racionalidade calculada vai tecendo o seu destino e também o dos outros.

ESAÚ E JACÓ

É a história dos gêmeos Pedro e Paulo, filhos de Natividade, que desde o nascimento dos meninos só pensa num futuro cheio de glória para eles. À medida que vão crescendo, os irmãos começam a definir seus temperamentos diversos: são rivais em tudo. Paulo é impulsivo, arrebatado, Pedro é dissimulado e conservador – o que vem a ser motivo de brigas entre os dois. Já adultos, a causa principal de suas divergências passa a ser de ordem política – Paulo é republicano e Pedro, monarquista. Estamos em plena época da Proclamação da República, quando decorre a ação do romance.

Até em seus amores, os gêmeos são competitivos. Flora, a moça de quem ambos gostam, se entretém com um e outro, sem se decidir por nenhum-dos dois: é retraída, modesta, e seu temperamento avesso a festas e alegrias levou o conselheiro Aires a dizer que ela era "inexplicável". 0 conselheiro é mais um grande personagem da galeria machadiana, que reaparecerá como memorialista no próximo e último romance do autor: velho diplomata aposentado, de hábitos discretos e gosto requintado, amante de citações eruditas, muitas vezes interpreta o pensamento do próprio romancista.

As divergências entre os irmãos continuam, muito embora, com a morte de Flora, tenham jurado junto a seu túmulo uma reconciliação perpétua.

Continuam a se desentender, agora em plena tribuna, depois. Que ambos se elegeram deputados, e só se reconciliam ao fim do livro, com novo juramento de amizade eterna, este feito junto ao leito da mãe agonizante.

Narrado em terceira pessoa pelo o Conselheiro Aires. Há referências à situação política do Pais, na transição Império/República. É marcado pela ambigüidade e contradição. Pedro e Paulo são "os dois lados da verdade".

MEMORIAL DE AIRES

Este é o último romance do autor. Aqui, dois idílios são narrados paralelamente, ao longo das memórias do conselheiro Aires, personagem surgido em Esaú e Jacó: o do casal Aguiar e o da viúva Fidéfia com Tristão. Trata-se de um livro concebido em tom íntimo e delicado, às vezes repleto de melancolia. Nele Machado de Assis pôs muito dos últimos anos de sua vida com Carolina, falecida quatro anos antes da publicação. Não há muito que contar, senão pequenos fatos da vida cotidiana de um casal de velhos. 0 estilo é de extrema sobriedade, e o autor, já na velhice, pretendeu com este livro prestar um depoimento em favor da vida, ainda que em tom de mal disfarçada tristeza e até mesmo desolação.

Memorial de Aires (1908) opera um verdadeiro retrocesso na obra machadiana. Nele o romancista retorna à concepção romântica, mitigada pelo ceticismo risonho do conselheiro Aires. Ai se respira a mesma atmosfera dos seus primeiros romances: os seres são de eleição e a vida gira em torno do amor. Distingue-o, porém, e torna-a muito superior àqueles a mestria do ofício, o domínio do instrumento.

Como novidade, traz a forma de diário e o narrador não é onisciente; observa como simples comparsa os personagens principais, procura adivinhar-lhes o íntimo através de suposições próprias ou através de informações alheias – a dar alguma idéia do processo de Henry James, este, entretanto, muito outro, com outras intenções e de outra tessitura.

******